

A sunset scene over a body of water. The sun is a bright orange circle in the sky, with its reflection on the water. In the foreground, a small boat with two people is silhouetted against the water. The sky is a gradient of orange and yellow, and the water is dark with ripples.

jussara whitaker

verão com taccá

e outros
pitecos

eBooks Brasil

Verão com tacacá e outros pitecos

Jussara Whitaker

Verão com tacacá e outros pitecos

Contos e Crônicas do Cotidiano

Jussara Whitaker

Fontes Digitais

Documento do Autor

j-whitaker@hotmail.com

Fotografia: Carolina Whitaker

Composição da capa: Manuel Whitaker

Agradecimentos: Marilene Silva Leite e

Teotônio Simões

Para: Cecília, Giovanna e Yuri

ÍNDICE

Verão com tacacá

Santo Rei

Zico de Santa Ana

O encontro de Zé Toleira com o boto safado

Maria de Jesus, a queridinha da família

Mara Maravilha

Manecão, o prefeito que não foi para o céu

We dji nyo

Os sonhos da estátua de cimento

A vingança do cidadão

Marcha soldado, cabeça de papel

Onde urubu é rei

Efigênia, que de guerra nada sabia

A bolsa do poeta Nazareno

O homem da casa cor – de- rosa

Tia Dejinha e seu discípulo

Sobre os dias

Apresentando Verão com Tacacá e outros pitecos

Marilene Silva Leite*

Verão com tacacá e outros pitecos, da socióloga Jussara Whitaker emerge suavemente no cenário amazônico como uma obra concebida no Olimpo pelos deuses da cultura, em um ritual sublime de encantamento de um mundo que não perdeu a referência, e nem a essência de ser do ser. Tecendo as palavras, seus símbolos e significados, Jussara produz uma arquitetura comunicacional ímpar sustentada no cotidiano, privilegiando o leitor, pois, de forma agradável, nos remete aos cenários amazônicos ornados pelas praias perenes, corredeiras, cachoeiras, bem como aos lugares bucólicos que revelam os sonhos, as realidades e os bens de consumo duráveis e não-duráveis de um povo guerreiro e conquistador.

Na obra, a preguiça é evidenciada como o ócio de toda a filosofia de vida de um povo que habita a região amazônica, e que, apesar das novidades proporcionadas pelo pós-modernismo, a mercearia ainda é o shopping e a praça, o centro de convenções onde a prosa está na ordem do dia.

Não faltam os ingredientes de uma certa ironia política em relação às semelhanças que, de repente, não são assim tão coincidências, encontradas em alguns dos personagens.

Nesse cenário, o Brasil real também desponta como o território das ruas sendo ocupado pelos ambulantes. Mas apesar da luta pela sobrevivência, não se perde a essência dos saberes e manifestações culturais que passam de geração a geração. Nessa paisagem, o homem amazônico é o sujeito e produtor de sua história. É um produtor e consumidor de sua matéria prima cultural, que beneficiada, transforma-se em suco de açaí, maniçoba, vatapá e o tacacá para ser degustado em um dia de verão.

*Socióloga e Jornalista. Redatora e produtora de comunicação em Itaituba-PA.

Verão com Tacacá é mesmo o que revela Câmara Cascudo quando sentenciou que o tacacá não é somente uma iguaria – antes de qualquer lucubração, é parte de uma cultura. Dizia o folclorista que para se apreciar essa iguaria dos deuses, se faz mister ter alma amazônida. De modo que à tarde, ao anoitecer, os calçadões das avenidas, as cidades da Amazônia mergulham nesse instante mágico.

Despertar da preguiça em um cantinho tapajônico com toda sua biodiversidade, num ponto equidistante entre as lendas e os mitos, onde o canto munduruku em todo seu esplendor revela em notas dissonantes o eco de todos os totens em uma onomatopéia traduzida pelos saberes regionais, é acima de tudo, deixar de vislumbrar hoje, a beleza do amanhã.

Zico de Santa Ana, Zé Toleira, Maria Munduruku, Urubu, Efigênia e o poeta Nazareno Santos transportando sua bolsa repleta de sonhos para abastecer como víveres, as realidades de mundo. São eles os personagens que povoam esse universo com histórias que vão sendo assim construídas e contadas desatando os nós da gramática normativa e deixando liberto o homem dessas amarras, afinal, o bom da vida é comunicar-se despretensiosamente em um canal aberto entre emissor e receptor.

O belo de hoje é navegar pelas águas tapajônicas e como o Rei Midas, descobrir o ouro de nossa cultura que é tão reluzente como na obra Verão com tacacá e outros pitecos.

Os dias de preguiça gostosa que também são os de verão, trazem para as calçadas beira-rio os ambulantes de açaí. Só dá aprendiz de nortista se lambuzando do vermelho quase roxo, aprendendo a não engasgar com a farinha.

Verão com tacacá

Junho são dias de preguiça. Sensação estimulada pelo anterior cansaço das festanças que acabam, invariavelmente, em princípio de julho. É a ressaca das festas misturada à ansiedade do verão que está começando. Preguiça gostosa de dever mais do que realizado, aquele que começa nos ensaios das quadrilhas e só acaba com a última coreografia aplaudida, de pé, por tamanha gente.

Aqui, o desavisado sulista quer paçoca e amendoim torrado, ou então, batata doce, pipoca e quentão. Mas o cardápio é outro, bem variado. Forte. Valente, como só a gente do Norte sabe ser. São dias de vatapá, tucupi, maniçoba, tacacá e mungunzá. Época de dançar até os pés se derreterem de dor e satisfação.

Preguiça de balançar na rede, imaginando, entre o vai e volta, que festa vai ter na próxima semana. Festa sim, porque o povo do Norte além de valente é festeiro e tem desculpa para todas as festas. É o casamento, o dia da padroeira, São João e Santo António, apresentação de carimbó, o sacolejo do brega, batizado e churrasquinho no portão de casa com família e amigo.

Vem de longe o grito de um gol, com certeza tem Flamengo na jogada, time que não é só do Rio mas das cidades do Norte, aquelas do rincão do Pará, ribeirinhas do Tapajós. Tem gol na garganta do nativo, na dos importados do Maranhão, Ceará, Piauí, vez por outra Minas, Goiás e São Paulo.

No verão, meninos que são das ruas, dos lava-carros, das feiras, fazem um espetáculo à parte. Roubam a cena no centro da cidade, bem na frente do rio. Brincam de trapezistas do espaço, onde depois de muitos volteios no ar, repousam os corpos no rio, agora satisfeitos pela malandragem conseguida. São pássaros sem asas, destemidos, a se jogarem das alturas para alcançarem, lá embaixo, um pedaço do Tapajós. O sol bate em cheio nos corpos dos

brincantes, faz brilhar a água que deles respinga, brilho ainda maior está nos risos e na alegria da irresponsável liberdade da meninice.

Tem rio, tem rede, festa e valentia. Tem vontade de progresso, de dias mais fartos, de comércio enricado, de comerciante virar empresário. A vontade do valente é virar o jogo e não ter mais que contar tostões.

Caminhando pelas ruas, vê-se inusitado comércio. Nas ruas chamadas de principais, tem desfile de marca, griffe com cara de bacana, preço lá para cima. Mas é ali nas transversais, que o verdadeiro Brasil acontece, o que não copia ninguém, mundo dos meninos trapezistas, dos lavadores de carro. Todos.

Panelas e bacias de alumínio penduradas no teto, poeticamente entrelaçadas com os rolos de fumo de corda. Sacos de arroz, farinha e feijão, tais como cartões de visita, só a espera de ir para o caldeirão dos Raimundos que também são Nonatos. Os sacos lembram o Brasil Colônia, tendo como companheiros enormes cachos de banana, ora verdes, ora amareladas. Saborosas bananas.

Lá para baixo o Porto da Balsa que incansavelmente, carrega e descarrega o fardo dos anos desta gente valente e festeira, que leva na sacola, para o outro lado do rio, a compra da semana. Mas nem sempre é assim, comparece também a tristeza de não se ter conseguido o emprego na cidade que nem tão grande é.

Os dias de preguiça gostosa que também são os de verão, trazem para a calçada beira-rio os ambulantes de açaí. Só tem aprendiz de nortista se lambuzando do vermelho quase roxo, aprendendo a não engasgar com a farinha. De repente, só de repente, sobe lá para o céu uma teimosa nuvenzinha escapada da boca do pedestre. É farinha, abestado, vê se come direito!

Ano que vem vai ser bem melhor. Se Deus quiser, o mês de junho vai render mais festança, e durante o resto do ano, entre o vai e vem da balsa, o valente lavrador, que todo sábado atravessa o rio, vai sentar na porta do comércio do seu Raimundo, aquele, o comerciante festeiro, para juntos, imaginarem que no verão vai dar muito peixe no bom e velho Tapajós.

Outros turistas haverão de parar junto a este mesmo rio para admirarem os meninos de corpos brilhantes que por segundos deixam de ser das ruas, para comporem o balett do ar. São estrelas desafiando a adversidade da vida, por breve momento, gente muito feliz.

O Brasil é aqui, o resto é perfumaria. Nem shopínguê, nem marketínguê, tem mesmo, no meio da cidade, o quilômetro um da Transamazônica. Por debaixo do asfalto quente, coração de homem que vendeu lavoura de café lá no Sul para empregar dinheiro no sonho amazonense. Tem sangue de índio dizimado, cultura castrada, garimpo e malária. Dinheiro de contribuinte e palavra sem valor de quem governou em nome da pátria amada.

São dias assim, de gente brasileira, que bem lá no derradeiro da alma sabe que é preciso pular da rede e deixar que a esperança ceda lugar à coragem. Vencer. São dias de eterno verão.

Um dia se fez prefeito comprando a esperança do povo, ou melhor, enchendo de medo este mesmo povo. Ou vota ou vota, assim havia dito. De revólver na cintura, todo mundo lembra, tomou assento na cadeira de alcaide e foi assim que o atraso chegou.

Santo Rei

O homem é possuído de sangue ruim. Todo mundo sabe disto e tem medo de tudo que se diz. O apelido é Santo, mas de santo nem a sombra, que é tão malvada quanto o original. Por onde quer que passe espalha o terror. Nada o detém.

Quando algum capanga é preso e incriminado, espera chegar o dia do julgamento final para aterrorizar o juiz. Olha e desolha para o infeliz mestrado, até que sente o cheiro do suor medroso escorrendo-lhe pelo corpo. Impunidade, sempre.

Um dia se fez prefeito comprando a esperança do povo, ou melhor, enchendo de medo este mesmo povo. Ou vota ou vota, assim havia dito. De revólver na cintura, todo mundo lembra, tomou assento na cadeira de alcaide e foi assim que o atraso chegou.

Dinheiro de prefeitura é para comprar fazenda. Que história é essa de educação? Povo que tem escola acaba aprendendo a pensar, vira cidadão. Nada disto.

Durante os primeiros dias de mandato mandou engavetar todo papel onde estivesse escrito as palavras: saúde, cidadania, desenvolvimento, educação, saneamento, e outras tantas que tivesse cheiro de povo. E assim, dia após dia, foi enchendo o cofrinho de moedas. Para cada uma delas que ali ficava, uma criança a mais mendigando, um pai de família a mais desempregado. Eram dias de doença, morte e selvageria.

Ninguém abria a boca para reclamar, só em pensamento, bem escondido, pois do contrário, no dia seguinte sabe que vai virar comida de urubu.

O sangue do homem é tão ruim que acabou por entupir um bocado de veias. Deu gosto ver o danado gemer de dor, com toda aquela opulência saltando do pescoço. Fez por merecer, o bandido. E de entupimento em entupimento, acabou amarrando o burrico de vez na sombra. Não sobrou nada de vivo.

O povo comemorou. Teve festa na Segunda e na Terça - Feira. No meio da semana mataram leitão e cabrito. Puxaram na

rede os maiores peixes da redondeza, e assim a festança ficou por conta da melhor comilança de todos os tempos.

A alegria foi tamanha que não faltou baile, sorteio, campeonato esportivo e até procissão em agradecimento pelo sumiço da ruindade. A cidade estava livre. Só as viúvas, as dele, umas tantas, que choraram e brigaram durante muitos dias pelo dinheiro antes arrebanhado.

Depois deste tempo de tamanha alegria, o povo cansado de festa se acomodou no cotidiano da velha e maltratada cidade. Mas a vida, enfim, era outra. Mulheres sem medo da viuvez prematura; homens olhando de frente; crianças brincando nas ruas de bola e pira - pega . Até pintaram de vermelho a fachada da escola.

E assim, as veias abertas da cidade foram sendo suturadas. No entanto, o povo desconfiado, sempre, de que a qualquer momento pudesse outro mau elemento aparecer, tratou de cercar a cidade com muro bem alto, e na entrada da frente fixar uma placa onde até hoje se lê: lugar de santo é no céu, aqui é o inferno.

O manto vai ganhando vida com o reflexo das pequeninas luzes prateadas, douradas, amarelas e azuis que em conjunto formam galhadas e flores, contrastando com tons escarlates e aperolados que vão consumindo o grande pedaço de tecido, dando-lhe uma nova alma.

Zico de Santa Ana

Zico tinha nome de gente importante. Gostava sim das importâncias. Seu nome, dizia ele, era nome de rei, e como ainda não era sujeito de fama e nem bola jogava, não gostava das brincadeiras dos amigos chamando-o de Galo. Na verdade, detestava, sempre achava que jogo de futebol era coisa para macho que da vida nada sabia, nada entendia. Seu esporte preferido eram as agulhas. De costura.

Era absolutamente imbatível nas agulhas. Seus bordados para fantasias de luxo eram conhecidos em toda a cidade. Um mundo de lantejoulas, pérolas e vidrilhos. Miçangas, quanta maravilha Zico fazia com aquelas inquietantes bolinhas coloridas. Estas sim, marcavam gol de placa, penalti, escanteio, embora fossem tão pequenas e delicadas.

O maior campeonato ainda estava por vir. Seria no mês de outubro, por ocasião da Festa de Santa Ana. Desta feita, a Santa olharia por ele. Bordaria seu manto, sentia que este era o seu destino, e mais, que a partir deste manto, as portas do sucesso lhe seriam definitivamente abertas. Adeus às aprendizas de madame, ao piruaço local que o punha louco com tanta exigência. Nunca mais haveria de bordar roupa de pecado, de luxúria, coisas de carnaval. Sua alma estava, finalmente, livre. Feliz por não ter que participar do glamour do pecado original.

Desenhando na mente as formas que daria à nova e santa empreita, caminhava pelas ruas do comércio procurando os armarinhos mais sortidos, os que vendessem materiais mais sofisticados. Lá ia Zico, de requebrado fácil, olhar aguçado, entrando e saindo das pequenas lojas, com um, dois, três, cinco pacotinhos guardando todo o segredo da criação.

Esparramava sobre a mesa da cozinha o conteúdo dos saquinhos. E ali mesmo, debruçado sobre ela, esquecido do picadinho com macaxeira requentado em cima do fogão, compunha e recompunha o tamanho do manto, suas cores, os desenhos a

serem bordados. Já sentia a alegria de Santa Ana por receber o merecido presente.

Zico tinha a certeza de que a Santa sabia de sua intenção. Cada vez que passava pela igreja, ia até o altar e olhava bem dentro dos seus olhos.

Em seu coração conversava com a Santa sobre seu grande desejo de bordar o manto da procissão deste ano. A Santa não só sabia do assunto, como encorajava - o através dos olhares de gratidão que lhe lançava. Até sonhar com ela, Zico já sonhava, e isto era mais do que aprovação. Em suas orações, no escondido do quarto, o artista sempre pedia que os céus lhe dessem muita inspiração, queria fazer bonito.

Assim, a vida de Zico aos poucos se transforma. Dorme muito tarde, acorda cedo, mal come, não sai nem para buscar o leite ou visitar um amigo. Depois dos três primeiros meses de trabalho, os sinais de cansaço são vistos e sentidos. As mãos começam a ficar trêmulas, os dedos estão cheios de furinhos das abusadas e desastrosas agulhas. Seus olhos ardem muito e a fraqueza do corpo, pela quase ausência do alimento, já é sentida.

O manto vai ganhando vida com o reflexo das pequeninas luzes prateadas, douradas, amarelas e azuis que em conjunto formam galhadas e flores, contrastando com tons escarlates e aperolados que vão consumindo o grande pedaço de tecido, dando-lhe uma nova alma.

Zico nem mais rezava, havia até parado de sonhar com Santa Ana, pelo pouco que dormia. Seu tempo só tinha um sentido, o de bordar o manto da Santa. Vivia para isto.

Pouco importava se as costas sofriam o ardor do inferno, se de seus olhos esguichassem lágrimas de cansaço, se a roupa suja continuasse amontoada num canto qualquer da pequena casa, se as teias de aranha tomassem absoluta conta do teto ou então que seu estômago sentisse a dor da fome do mundo. Lá se iam os tantos meses de trabalho.

A obsessão pelo bordado era tamanha que nem mais as janelas da casa, Zico abria. Ninguém tinha o privilégio de ver o manto antes da hora. Havia morrido para o mundo, para depois ressurgir na glória e na luz da Santa e para isto havia dia marcado, era em outubro, a data da libertação. Aí sim, ele haveria de abrir as janelas, colocar roupa limpa e se alimentar das mais gostosas iguarias da sua terra. Sairia para a rua, abençoado pela energia do sol e da lua, da água e do fogo. Reverenciado pela noite que certamente contribuiria para o espetáculo multicores do manto santo. A vida teria compreendido o verdadeiro sentido de todo o sacrifício.

Santa Ana sentiria orgulho de estar vestida tão lindamente para o cortejo. O povo do lugar ficaria perplexo com tamanho luxo e formosura. Era até bem capaz de uma ou duas madames sofrerem certo ataque de indignação e despeito, afinal, perder para uma Santa de barro não seria nada bonito.

Um dia antes da festa, as devotas foram bater na porta de Zico. Queriam o manto. Deixar a Santa preparada, mas o silêncio na casa era total. Talvez, ele tivesse saído um pouquinho para comprar um carretel de linha, arrisca a líder do grupo. Que nada, rebate outra, ele teria mesmo é ido à procura de mais lantejoulas, ela havia notado, meses antes, que a quantidade não era grande.

Ao cair da noite, o grupo mais uma vez ruma, agitado, para a casa de Zico. A porta é batida, socada, maltratada mas não é aberta. O silêncio lá dentro começa a ser aterrador. Chamam os bombeiros, antes uma porta arrombada do que a Santa meio vestida. A sala está na penumbra. O quarto vazio. Na cozinha, o cheiro de azedo contrasta com a intensa beleza do manto de Santa Ana em cima da mesa. Zico não está, ele não mora mais ali. De tão cansado, faminto e adoentado, nem o corpo havia ficado.

Uma das mulheres abre a porta da cozinha para renovar o ar. Teimosamente, sai por ali uma poeira suja e malcheirosa, lembrando vagamente o perfil de gente, resistindo à própria luz, sofrendo com a interferência do alheio. Zico não havia chegado ao final da partida,

não marcara nenhum gol. Na arquibancada ninguém gritaria seu nome.

Todo ano, na passagem da Santa pela avenida principal, o povo vê uma grossa poeira envolver o andor durante quase todo o trajeto. É ainda uma poeira triste e rejeitada que vaga feito alma penada. Aquela mesma que se acabou de tanta inquietação bem antes da hora desejada.

*A lua que de apressada nada tinha,
aos poucos ilumina o caboclo.
Primeiro a cabeça. Farta cabeleira
anelada, sombrancelhas grossas,
impetuosas. O nariz, um marco de
desafio, contrastando com a boca
incrivelmente sedutora, boca de dizer
palavras profanas entre uma e outra
reza.*

O encontro de Zé Toleira com o boto safado

A colônia dos pescadores de Barrinha, lá por perto da Cruzada do Mano Velho, abrigava muitas famílias que, por descendência, todos os dias se atiravam ao rio em busca de peixe. Um festival de canoas, redes, rostos cansados e mal dormidos. O dia apenas começava.

A pesca não andava lá estas coisas. As embarcações há muito tempo não voltavam abarrotadas de peixe. Muitas promessas eram feitas para que o sustento das famílias não terminasse. Os mais audaciosos acreditavam que a culpa era dos botos que haviam se mudado para lá sem maiores cerimônias.

Toda a gente lá da Barrinha tinha tido o seu encontro com os botos. Pela tardinha, lá estavam eles, desafiavam a ira dos pescadores, nadando para perto da margem, rodopiando e saltando nas águas em total camaradagem com os filhotes. Ao contrário dos pescadores, esbanjavam vitalidade, noites bem dormidas e um certo exibicionismo.

Zé Toleira, mesmo nas boas épocas, nunca fora pescador de sucesso garantido. Custava sair da cama, o que lhe rendia o último lugar de chegada ao rio. Mas não era só isto, suas redes estavam sempre com enormes buracos, facilitando a fuga dos peixes. O que do rio tirava não dava nem para comprar o café e a cachaça. Pobre e preguiçoso já era, agora então, tendo por vizinhos os botos, ai sim que nunca mais haveria de pescar, pouco que fosse.

De toda a colônia, Zé Toleira era o mais preocupado. Passava as tardes coçando a rala barba e olhando para o rio, tentando descobrir um jeito de expulsar os botos. Se continuasse com a consumição financeira, decerto não poderia casar com Toninha. Moça bonita não haveria de ficar esperando o rio dar peixe e sua vontade de pescador se aprimorar. Tinha que resolver o problema, seu coração se apertava demais de tanto amor pela donzela.

Numa das tardes, depois do vento ter soprado para longe a teimosa chuva, Zé percebe a presença de um boto pertinho da margem. Aproxima-se do inimigo, deseja vê-lo bem de perto, talvez torcer-lhe o pescoço. Sente raiva. O boto, em nada preocupado adivinhava-lhe o pensamento, não sentia medo, pelo contrário, desafiava Zé Toleira. Erguia o mais que podia aquele corpãozil todo da água, era rei. O rosado lustroso do seu couro recebia os últimos raios de sol, deixando-o mais garboso.

O pescador não mais se contém. Avança para o animal com os punhos cerrados. Por que, quer saber, o rio não dá mais peixe? Por que, quer saber, os botos resolveram se mudar para a colônia? Como, desespera-se, faria para se casar com Toninha, se não vendia peixe e por isso não tinha vintém algum?

Um som rouco, uma voz mesmo, atrevia-se Zé a escutar, saída da boca do boto, conta-lhe que até que poderia resolver logo esta situação, tudo dependia da boa vontade do pescador. Se ele quisesse, todos os botos iriam para bem longe dali. Tudo voltaria ao que era antes, peixes e mais peixes poderiam ser vendidos no mercado e o dinheiro chegaria aos bolsos dos pescadores. Inclusive ele, o próprio Zé Toleira, nunca mais precisaria levantar de madrugada para a pesca, qualquer hora que fosse para o rio, voltaria com a canoa transbordando de pescado. Quem sabe, poderia até se casar bem antes do que estava imaginando. Teria muito dinheiro, barcos, empregados, uma bela casa, Toninha e uma vida sossegada.

A oferta era boa demais para não ser apreciada. Poderia até comprar uma boa casa, colocar uma cor alegre nas paredes. As janelas seriam amarelas. Comprar uma cama de casal bonita com lençóis muito brancos, travesseiros de espuma, nada de pena de galinha velha. Na sala então, haveria de ter uma mesa grande com oito cadeiras para poder convidar os amigos para os almoços de domingo. Nada de economia, festança, isto sim.

A imaginação rolava solta, sentia-se o rei do pescado, até que resolve perguntar para o boto o que queria em troca. Neste mundo

nada era de graça. Coisa pouca, diz o boto. Bastava que na noite de núpcias Toninha fosse visitá-lo, ali mesmo naquele lugar por onde corria a conversa. Era só garantir o acordo que já no dia seguinte a vida dele mudaria para melhor. Indignado pela ousadia do bicho, enraivecido por achar a proposta uma indecência sem precedentes, Zé Toleira sai chutando o barranco, desconjurando o boto. Era o que faltava, a sua noite de núpcias, uma data tão esperada, ser estragada pela conversa mole de um peixe. O melhor mesmo era esquecer o conversê maluco.

No dia seguinte e no outro e no outro, nenhum peixe aparece na sua rede. No quarto dia, bastante desanimado, pensando em já voltar para casa, arregala os olhos, por ver não um, mas dez, vinte, duzentos, muitos peixes pularem espontaneamente para dentro da embarcação. Grita de contentamento. São peixes enormes, que chegam a arriar o pequeno barco.

Quase chegando à margem, dá de encontro com o boto que olhando fixamente para ele, promete muito mais do que isto, bastava que fizessem o acordo.

Sem promessa nenhuma o dia já tinha rendido, imagina só se resolve concordar com o boto. Quanto mais poderia ganhar? Não, Toninha não merecia tal sorte, ela o amava e era moça correta.

Assim, durante vários dias e alguns meses onde a fatura não se fazia de rogada, os peixes pulavam para a embarcação de Zé Toleira, e o dinheiro assombrava seus pensamentos. Se fosse apenas uma visita, mesmo que em noite de núpcias, não seria tão ruim assim. Afinal, uma conversa com um peixe qualquer, não haveria de manchar a honra de Toninha.

Dois barcos, embora pequenos, foram comprados. Zé teve que contratar gente para o ajudar, pois não queria mais ter que descer o rio, agora, era ser patrão. Para Toninha, muitos presentes. Seu enxoval teria que ser o mais bonito de toda aquela região. Barcos, peixes, dinheiro, empregados, a nova casa, tudo acontecia de bom para melhor.

Certa noite Zé Toleira acorda sobressaltado, um diabo de pesadelo. Lá estava o boto reluzente, entrando em seu sono sem ao menos pedir licença, cobrando a presença de Toninha. Zé levanta da cama, vai para a cozinha tomar um copo de água, precisava colocar os pensamentos no lugar. Talvez o melhor seria não se casar de papel passado. Levar Toninha para a casa nova, sem padre nem juiz. Quem sabe não enganaria o boto?

É ainda muito cedo, mesmo assim, sai de casa para tomar o fresco da madrugada. Caminha sem muito pensar para o rio. Resolve, de susto, falar com o boto, chama por ele. Pouca demora e lhe aparece o rei, com ares de pouca cortesia. Entre vários entreveros que acontecem, o boto avisa: ou Zé Toleira fecha o acordo naquela horinha, ou acabam-se de vez os peixes do rio. Adeus casa nova, empregados, dinheiro farto e casamento com Toninha. Que se decidisse agora.

De cabeça quente e por medo da pobreza que tão bem conhecia, acerta que no dia do casório, antes mesmo de Toninha se bandear para a casa nova, haveria de levá-la até o rio. Que o boto não se atrevesse a chegar muito perto, eram só uns minutinhos de prosa.

Chega finalmente o dia tão cobiçado, regado de muitas promessas de amor, cachaça da boa, lágrimas da mãe da noiva e farta comida. A música ainda era ouvida por toda a colônia, tarde da noite, quando Zé, com a desculpa de noivo ardente de amor, arrasta Toninha para a barranca do rio. Ela que esperava juras e afagos, se depara com um marido assustado e arredio. Os minutos, poucos, passam. Os dois, com ansiedades diferentes, não se permitem perceber de certa terceira pessoa de riso solto e maroto, encostado numa velha barçaça.

A lua que de apressada nada tinha, aos poucos ilumina o caboclo. Primeiro a cabeça. Farta cabeleira anelada, sombrancelhas grossas, impetuosas. O nariz, um marco de desafio, contrastando com a boca incrivelmente sedutora, boca de dizer palavras profanas entre uma e outra reza. O estranho de corpo era bem servido, uma

bela construção anatômica, só imaginada mesmo por Rodin, até Deus sentiria inveja de tal obra.

Com a lua jogando imensa luz sobre aquela alma, era impossível não percebê-la. Zé Toleira, quer saber quem é o sujeito. Toninha sente e sabe que se o homem se aproximar, seu coração pulará do peito. Que tontura mais gostosa se apodera da moça, que sensação de moleza, só de olhar para aquele homem bem vestido.

O estranho se aproxima com valentia, ginga de malandro, de bom dançarino. Estende a mão para Toninha que não recusa o convite. Zé Toleira não pode permitir o abuso, fica entre os dois desafiando o sujeito, que sem demonstrar qualquer intimidação, aproxima a boca ao pé do ouvido do marido e diz: sou eu. Quem? Eu? Não, eu, que venho do rio. Zé se desespera, então o danado do boto tinha de virar homem safado justamente no dia do seu casamento? Quero a mulher, seu Zé pescador, e é hoje, agorinha, diz o homem - boto. Ou isto ou a pobreza. Acabo com tudo!, promete o sem - vergonha.

Toninha mal escuta as palavras, inebriada de repente e novo amor, escorrega a alma para o estranho. Ele caminha para dentro da mata, a mulher vai atrás. Zé Toleira sabe que nada pode fazer, quando moça se encanta não há mandinga que dê jeito.

Na maior consumição, passa a madrugada todinha esperando Toninha, até que com o despontar do sol, ela aparece andando devagarinho, como se flutuasse. De sua boca saem tímidos gemidos, no seu corpo, o cheiro de água doce bem amazonense.

O marido traído chora. Toninha não se importa. Zé soluça, não contendo mais o desespero. Juntos voltam para casa e durante o resto de suas vidas fingiriam que nada tinha acontecido, nenhuma mágica madrugada havia passado por suas vidas.

Nove meses e Zé chama a parteira, Toninha já vai ser mãe. Naquele dia nasce o menino de olhar abusado que anos mais tarde haveria de herdar o império do pescado de um certo José Amâncio mais conhecido por Zé Toleira, o homem mais rico de toda a região.

Um pescador mal acabado que de tanta sorte acabou sendo o rei do tucunaré, chegando mesmo a mandar o peixe para o estrangeiro.

Toninha, sua mulher, é senhora recatada, sem luxo, nada pedindo da vida. Quase não sai de casa, tendo como única distração, seus passeios pela orla.

Tem dia que ela fica longas horas olhando para o nada, lá para o fim do rio. Volta para a casa com os olhos vermelhos de tanto chorar. Ninguém nunca soube o porquê, deve ser coisa de gente rica.

*Ajuda-o a se ajoelhar e rapidamente
empurra sua cabeça para o saco de
farinha. Empurra. Força. Espreme.
Acaba com a vida pelo sufoco. O
corpo inerte, já meio homem, meio
farinha, estremece pela última vez.*

Maria de Jesus, a queridinha da família

A menina era a quinta filha de um casamento acontecido há mais de quarenta anos nos confins do Norte, da cidadezinha nem se comenta, por ser de absoluto desinteresse. Família grande, dinheiro sumido e pouco pão na mesa, completavam o quadro nada animador, porém bastante comum, naquela redondeza.

Maria de Jesus sabia que por ali não ficaria muito tempo. O mundo era grande, seus sonhos fabulosos, aqueles de usar sapato bonito comprado em loja de gente poderosa, de usar muito ouro nos dedos, no pescoço, nas orelhas e por que não, no tornozelo. O ouro era sinal de prosperidade, abençoado de certo pelo Papa, se não fosse, o Vaticano não seria tão rico.

Alimentada por este fogo de riqueza, pega o rumo da capital. Não houve despedida, ninguém acreditava na aventura de Maria de Jesus, que só pelo nome de batismo, já se sentia protegida dos homens e das tempestades.

Os primeiros anos foram de muita decepção e amargura. Dias de saudade, desassossego, choro e ranger de dentes, e olha que o inferno nem havia começado. Ganhava pouco. Sem qualificação, não arrumava emprego de bem.

Sentia que seus sapatos de salto alto estavam cada vez mais distantes de seus pés, que só viam mesmo baratos chinelos vendidos nas feiras - livres.

Numa das idas e vindas nas ruas do comércio do bairro onde morava, certa hora esbarra com um moço bonito. O homem não lhe era desconhecido de todo, ficava por ali, na padaria, entre um gole e outro de leite morno açucarado, olhando-a de banda. Primeiros os olhares furtivos, depois os mais destemidos. Poucos meses depois, Maria de Jesus já se encontrava nos braços daquele que pelo resto de sua vida, haveria de compartilhar a sua cama.

Foi no dia do casamento, sem a presença da família, que a moça toma ciência da fartura que seria a sua vida. O homem tinha dinheiro e muito, bem guardado em banco. Outro tanto aplicado em

coisas que ela não entendia. Mais surpresas a aguardavam: mudariam de cidade, para uma pequena, onde o marido era rei. Dono de imóveis, reservou para a mulher a melhor casa.

Maria de Jesus chegou onde queria, vez por outra comprava um anel, uma pulseira de ouro, e assim foi formando sua riqueza particular. Acostumada ao trabalho sentia falta de ter o que fazer, e assim convenceu o marido a lhe dar uma loja de cereais para tocar.

Bem cedo chegava na loja, que passou mesmo a ser o seu reino. Os súditos chegavam logo após as sete horas, primeiro o carpinteiro para um dedo de prosa; depois Marinalva, a confidente, o dono do açougue e minutos para a nove, muitas nove amigas. Ninguém, de fato, nada queria. De direito, uma conversa, um conselho, um fuxico e assim era seu dia. Na hora do almoço, a empregada levava a marmita. Cheia. Sempre tinha alguém para beliscar o ensopadinho de carne com batata, o peixe assado ou mesmo o vatapá.

As gavetas da mesa de trabalho foram, aos poucos, se transformando em extensão de sua casa, recebendo, estas sim, o título de lar doce lar. Raro não ver por ali uma escova de cabelo, um espelho, esmaltes, chinelo enrolado em saco plástico, álbum de fotografia do casamento e outras recordações da família que tão longe estava.

A garrafa de café atendia a todos que pela loja passavam. O marido, enciumado com a situação, de tudo fazia para levar Maria de Jesus para casa, assim que o relógio da igreja apontava o final do expediente. Um serãozinho sempre acontecia.

O único senão na gostosa vida da moça era a imensa saudade que sentia da família, principalmente dos irmãos que com certeza ainda passavam muitas dificuldades. O sentimento foi-lhe roendo o coração de tal maneira que certo dia toma uma decisão: mandaria buscar os irmãos, se não todos, ao menos os mais novos. E com este propósito, quebrou os encantos do casamento, inaugurando a primeira grande briga do casal.

No final do mês de novembro, Maria de Jesus pede para que o marido passe a dormir, provisoriamente, no quarto menor, queria que a irmã ficasse com ela para matar as saudades. Tinham muito para conversar, que o marido não se preocupasse pois logo tudo voltaria ao normal. Quanto aos irmãos, poderiam ficar no quarto cujas janelas davam para a praça, era arejado e grande. Bonitas colchas de retalhos ornamentariam as camas. Compraria cortinas novas, mais escuras para que pela manhã, nenhum raio de sol incomodasse os meninos.

Na loja de cereais não havia outro assunto, de manhã à noite, só se falava nos preparativos da recepção. Maria de Jesus até pensou em nomear o irmão mais velho para o cargo de gerente. Quanto a irmã, um bom casamento seria a solução. Tudo era uma questão de tempo e imaginação.

No Natal todos já haviam chegado. O único a se sentir infeliz era o marido de Jesus. A família, como era de se esperar, passava os dias se dividindo entre a loja, compras, novas amizades e planos, onde o dono do dinheiro nunca era incluído.

Maria de Jesus, de unhas longas e pintadas, sentia-se Greta Garbo em seus melhores dias. O cabelo havia ganhado tons dourados. Mais cheia de corpo, espremia-se entre os sacos de cereais para ir até o depósito, vez por outra, à procura de mercadorias.

Em certa manhã de dezembro, no finalzinho do mês, a vizinha, resolve ir buscar farta encomenda de feijão de corda. Maria de Jesus, em pessoa, vai para o depósito pegar o feijão. Atender a vizinha, mulher de tanta distinção não era para empregado não, era serviço dela.

Caixas e sacos de sarrapilha se amontoam no lugar. O cheiro do milho misturado ao do arroz, da farinha de mandioca, lhe trazem lembranças da meninice. Jesus e os irmãos, pequenos, lavando as mãos para encarar a pouca comida na mesa do almoço. O estômago começava a doer antes mesmo de chegarem a casa. Na escola, nem sempre era dia de merenda.

A farinha de mandioca, esta sim, bem preparada e socada nas farinheiras das colônias ia para a mesa da família tal qual manjar dos deuses. Os dedos ávidos da meninada entravam primeiro na farinha, depois com a rapidez de quem não quer perder sequer um farelo, jogavam - na boca à dentro entre risos e cochichos dos que ainda, apesar da fome, não perderam o encanto e a sabedoria da inocência.

Maria de Jesus acende a luz do depósito. As lembranças, agora, possuem um gosto amargo. Passa as mãos sobre os olhos, retirando a lágrima teimosa. Ouve um tímido gemido. Fica mais fraco, quase inaudível. Maria olha procurando o som. Tapa a boca com as mãos para conter o grito de horror, pois o marido, caído entre a sacaria, contorcia-se.

O primeiro impulso foi o de chamar por socorro, no entanto pensa o que fazia o homem no depósito? . O marido conta-lhe que muitas vezes havia ficado escondido naquele lugar, para ao menos ouvir a sua voz. Sente saudades. Tem-lhe amor. Num rápido e segundo momento, a moça orienta-se pela oportunidade de acabar, ali mesmo com o casamento. Melhor seria aproveitar as cólicas do marido e dar sumiço de vez no carrancudo.

Ajuda-o a se ajoelhar e rapidamente empurra sua cabeça para o saco de farinha. Empurra. Força. Espreme. Acaba com a vida pelo sufoco. O corpo inerte, já meio homem, meio farinha, estremece pela última vez. Maria de Jesus se ergue do chão nervosa. Alisa a saia com as mãos e ajeita o cabelo. O coração está completamente descontrolado, a respiração ainda em desordem.

Está viúva e rica, liberta para viver a vida como quiser, mas ainda é preciso ensaiar o último ato. O que dizer para todos que estão na loja? Afasta-se do saco e grita. Muito.

O enterro foi muito comentado. A viúva estava linda e triste; suas mãos tremeram durante toda a cerimônia de sepultamento. Amparada pelos irmãos ora enfrentava graves crises de choro, ora rápidos desmaios, consumindo-se por dor intensa.

A cidade lá estava prestando as últimas homenagens para seu mais ilustre filho. Houve quem lembrasse de que se não tivesse sido o defunto, o hospital infantil não teria sido concluído.

Nos dois primeiros meses a esposa enlutada não aparece na loja. Não recebia visitas, a dor era muito grande. Quase não comia, era preciso estar bem magra e com olheiras para convencer a todos que a vida não mais lhe importava.

As senhoras se revezavam em sua porta estimando as melhoras. Os irmãos não sabiam o que fazer para tirar Maria de Jesus daquela prostração. A vida continua, é preciso ser forte. Os negócios, agora, dependem dela.

No início do segundo mês de sofrimento Jesus sai de casa, ainda cabisbaixa, e vai para a loja contentando, assim, toda a sociedade. Passa a se inteirar, aos poucos, de todos os negócios do finado. O banco a chama, propõe-lhe novos investimentos e assim a vida, finalmente, vai ganhando um novo e majestoso sentido.

Poucas foram as ocasiões em que os irmãos falaram sobre o falecido. Para eles, o marido havia sido apenas a escada para a boa vida. Nunca pediram maiores explicações sobre o seu afogamento no saco de farinha. Teria sido suicídio? Que importa.

No ano em que Maria de Jesus completava cinco anos de viuvez distinta e abastada, conhece um bonito filho de baianos, que pelo Norte agora andava. A viúva, encantada, permite-lhe certos e discretos assédios. O baianinho, bem vestido e perfumado, farmacêutico diplomado, queria mais é investimento para abrir a melhor farmácia de toda a região.

Mão na mão, beijo no rosto. Fugidia carícia nos cabelos, olhar maroto, carregado de sedução, depois um beijo quente, cama cheia de saudades e lá vai, outra vez, Jesus jurar amor eterno para o segundo marido. Discreta festa comemorou o casamento. Apenas os irmãos, os padrinhos e amigos mais chegados participaram do farto jantar.

Os noivos, felizes, de mãos entrelaçadas, roçavam os pés e joelhos por debaixo da mesa, comprometendo desejos que mais tarde haveriam de incendiar a cama nupcial.

Amor eterno juraram. Desfrute com o dinheiro do finado, mais, não era possível acontecer. Foram dias de felicidade, noites endiabradas que enlouqueciam Maria de Jesus. Manhãs que testemunhavam a fatura de cheques que eram passados para o tinoso marido.

Assim como a mulher, o baianinho ressentia-se pela falta dos pais e irmãos que nos confins da Bahia estavam. A tristeza foi aumentando, até que Jesus propõe a vinda dos sogros para as festas do Ano Novo.

Novos preparativos: pintura nos portões, arrumação dos quartos, flores pela casa e chega o dia tão esperado. No aeroporto, Maria de Jesus e o marido aguardam com ansiedade. Em casa, os irmãos estão às voltas com o almoço, não que peguem no pesado, a criadagem que se esfole.

Abraços, lágrimas, presentes, compõem o cenário da chegada. O sogro, bem humorado, belisca a cintura de Maria, conferindo suas formas. A sogra carrega com cuidado um pequeno embrulho.

O almoço é servido. Tem galinha ao molho pardo, pato no tucupi e peixe com molho de camarão. A sogra vai buscar o embrulho que havia deixado na cozinha, abrindo-o em cima da mesa. O presente é para o filho, para matar as saudades da terrinha baiana. Aí está a mais pura e bem feita farinha de toda a Bahia.

O rapaz, comovido com o gesto da mãe, faz questão de que Jesus seja a primeira a enfrentar do sabor bem baiano. A moça não quer, diz para a sogra que farinha engorda. É melhor deixar para outra ocasião. O marido insiste para que ela não faça tal desfeita. É melhor comer misturada ao peixe.

Maria de Jesus sente o estômago revirar, quer sair da mesa, mas as pernas não obedecem ao seu desejo. Na lembrança, o rosto do finado marido, metido no saco de farinha, sufocando-se pelas

suas mãos. Lágrimas teimam em saltar dos olhos. O sogro acredita serem de emoção e aproveita para encher uma colher de farinha e levar à boca da maldita. A garganta seca. Na ponta da mesa, o fantasma do marido olha-a calmamente. Quer gritar, pedir por socorro. Não pode.

À sua volta ouve conversas desconexas, risos de família que há muito não se ouvia, tilintar de talheres e pratos. A farinha entala devagar pela garganta. Mais uma colherada, agora com um pouco do molho da galinha, oferecido pelo baianinho.

Está sendo sufocada pela maldita farinha, quer alcançar um copo de cerveja e não sabe para onde estender a mão. Engasga, alguém bate em suas costas. Tosse desesperadamente. O fantasma ainda está lá e só ela o vê. A vida começa a lhe faltar e neste momento, quase antes da plena inconsciência, o marido estende - lhe os braços. Maria de Jesus tem a sensação de ter a alma roubada. Num furtivo segundo percebe sua essência ser agarrada pelas mãos de Pedro. Tomba a cabeça em cima do prato de comida.

Uma menina de quase cinco anos, em pé na sala, pergunta para a mãe de quem é a pequena fotografia que encontrou no armário do quarto de hóspedes. A mãe apenas lhe diz que é um velho retrato de uma tia, Maria de Jesus, falecida há tempos. Nada de importante. O marido, jovem baianinho, entra na sala pedindo que as duas se apressassem, do contrário perderiam o vôo para a Disney World.

*Na manhã de certa quarta- feira,
debaixo de olhares perplexos,
despede-se da vida pequena, do
trabalho, dos poucos amigos.
Descalça, roupa leve e clara,
deixando para trás livros e
computadores, caminha para a mata,
sentindo fortemente o apelo da obra
in natura.*

Mara Maravilha

Mara Maravilha nunca foi de televisão, tão pouco de cinema ou história em quadrinhos. Uma biografia mais detalhada conta que a moça, nascida em pleno verão paulista, ao abrir os olhos, desejou não estar ali. Sentindo sua história trocada, pediu aos céus que a enviasse para outras paragens. Sua alma, infeliz, recusava-se a irmanar com o corpo, sabia que se isto acontecesse, jamais poderia mudar o seu destino.

A sala do parto, o médico, a mãe, tudo parecia-lhe confuso. Coisa de outro mundo. Acabou enrolada em mantas e roupas que a sufocavam. Mil olhos a vigiavam, entre eles a única sabedoria dos olhos da avó. Mansos. Encorajadores. Foram neles que Mara se apoiou no seu primeiro dia de Terra e foram eles que a embalaram durante boa parte de sua vida.

Sua primeira rebeldia, ainda criança, fora a recusa ao leite. Sua preferência eram os chás feitos pela avó, cujas ervas eram retiradas da terra seguindo verdadeiros rituais ecológicos. O médico da família não entendia como que um organismo tão jovem pudesse se manter forte apenas com a fervura de plantas desconhecidas da intelectualidade médica.

Aos dois anos, a segunda grande rebeldia: recusava-se a usar sapatos. Os pés precisavam estar em constante contato com a grama, a terra e a água para ser feliz.

As bonecas e as brincadeiras com os amigos nunca foram seus maiores prazeres, gostava mesmo de escutar as estórias da avó sobre duendes e fadas que cuidavam das florestas ou dos espíritos que saíam dos mundos paralelos para virem ajudar os desajustados na Terra. Os dias que juntas passavam, entre conversas e afagos, eram, para Maravilha, o seu maior alento.

Desde que havia nascido, o jardim da casa dos pais havia ficado muito mais bonito. As flores, ao menor sinal de sua presença

adquiriam uma vibração de cores só vista no cinema por influência de efeitos super especiais.

Cresceu, respeitou a vida. Perdoou os pais pela insistência com os sapatos e roupas apertadas; iluminou-se todos os dias com os raios do sol; bebeu a essência das chuvas; conheceu todas as ervas e seus poderes e ajudou a sarar, com elas, parte da humanidade .

Maravilha não se sentia feliz, faltava-lhe a grande vontade de existir. Muitas e muitas foram as noites em que, com profunda tristeza, saía de casa para descobrir alguma coisa que lhe servisse de encantamento. Andava pela orla do rio ou corria para as matas que circundavam a cidade, ali sentia-se em paz. Cada árvore que abraçava renovava suas forças e cada cheiro de planta embriagava seus pulmões. Momentaneamente tudo era perfeito.

Não havia quem não soubesse do caso do papagaio do seu vizinho. O bicho andava doente há muito e nenhum dos cuidados tomados havia conseguido o efeito desejado. O homem, triste, chorando há dias, pensou em levar o papagaio para ser sacrificado.

Maravilha ao saber do assunto, carrega a ave para a mata. Lá, somente entre os dois, sem que ninguém nunca soubesse como, acontece o milagre. O moribundo volta falante e contente. As penas estão mais verdes, os olhos mais atentos. O assobio penetrante. Forte. Assim, muitos outros animais de estimação acabaram passando por suas mãos para um tratamento ou uma ressurreição.

Aos vinte e poucos anos forma-se doutora. Medicina. Foi muito além: curou, descobriu doenças, fez da natureza sua principal aliada e espalhou pelo mundo sua sabedoria. Com fotografia estampada em jornais e revistas, não havia, no mundo científico, quem não soubesse dos seus progressos.

Os assistentes, aos poucos foram se costumando com seu jeito despretensioso e diferente. Não se assustavam mais ao encontrar sapatos largados de qualquer jeito no chão, momentos antes de iniciar uma palestra. Nem mesmo de a ouvirem falando e rindo com as plantas. Seu único riso.

Apesar de uma existência farta de trabalho e sucesso, não havia alcançado a felicidade. Muito lhe faltava. O olhar, entristecido, buscava uma outra vida. Verdadeira. Dela.

Aos quase cinquenta anos, no auge do sucesso científico, consagrada por especialistas e pesquisadores de todo o mundo, com inúmeras obras publicadas, Maravilha decide, corajosamente, ir de encontro ao seu início. Aquele, muito além do útero materno.

Na manhã de certa quarta- feira, debaixo de olhares perplexos, despede-se da vida, do trabalho, dos poucos amigos. Descalça, roupa leve e clara, deixando para trás livros e computadores, caminha para a mata, sentindo fortemente o apelo da obra in natura.

Vaga por entre arbustos e árvores, quer ser encontrada. O perfume da terra úmida, os sons familiares de galhos secos se quebrando sob os pés harmonizam sua alma. A cada passo dado, mais próxima está da sua primeira existência. Sente seus músculos, nervos e tecidos soltando-se da velha carcaça. Cada vez mais fluídico, o corpo vai se misturando à natureza até ser totalmente por ela absorvido. Não terá mais que olhar a floresta da janela.

A lenda conta que em toda a primeira quarta-feira de cada ano chove doze horas seguidas na mata do Paraíso e que após a aguaçeira torrencial, abre um sol morno e iluminado. Neste dia, todo aquele que sofre de doença grave, seja gente ou bicho, depois de ser levado para debaixo das árvores, volta para a cidade como se fosse novo.

À medida que vão subindo para o Céu, iluminados por imensa lua prateada, vão deixando para trás o rastro do saci, os igarapés e peixes - boi. A pororoca, lá em baixo, pequena, não dá mais medo. Até o canto do curió foi ficando distante, apenas uma ilusão de lamento.

Manecão, o prefeito que não foi para o céu

O velório estava concorrido. Toda a gente tinha feito feriado por sua conta e risco em homenagem ao defunto. Eram pessoas da cidade, das zonas pesqueiras e muitos vindos das colônias rurais.

O lugar, cheio de velas e flores artificiais nas cores mais berrantes que a criatividade humana pode fabricar estavam ali, dispostas em vasos e arranjos feitos de última hora. Cadeiras espalhadas por toda a sala abrigavam familiares, amigos, inimigos ocultos, olheiros de vários coronéis e duas ou três viúvas que no momento disputavam o lugar de prima dona.

Manecão, saído da carcaça há bem pouco tempo, ainda alma fresca, não conseguia sair de perto do caixão que amparava seu corpo. Não por incompetência do seu anjo guardião, mas por pura vaidade. Não cansava de admirar a beleza da madeira com que fora confeccionado o caixão. O estofamento então, de primeira, nas cores branco e roxo.

Batendo o cansaço de ficar parado, para passar o tempo passeia por entre as pessoas, escutando uma prosa aqui, um chorinho ali. Olhando aquele povo todo, acaba acreditando que tinha sido é muito considerado, até o presidente da Câmara Municipal, inimigo declarado, havia ido ao velório.

Por conhecer todas as pessoas, ficou intrigado com um caboclo baixo e troncado, bem ali ao pé da rede. Quer saber quem é. Chega junto. O caboclo apresenta-se como um dos embaixadores do Céu, naquele momento, encarregado de levá-lo para lá.

Manecão coça a barba desconfiado, mas já que o homem se dizia enviado, não custava nada lhe dar certo crédito. Juntos, saem da sala despreocupados com os murmúrios e lamentos, discursos entrecortados, o cheiro de vela, cachaça e café.

À medida que vão subindo para o Céu, iluminados por imensa lua prateada, vão deixando para traz o rastro do saci, os igarapés e peixes - boi. A pororoca, lá em baixo, pequena, não dá mais medo.

Até o canto do curió foi ficando distante, apenas uma ilusão de lamento.

Lá na frente um clarão margeado pelas cores do arco - íris. A intensidade delas era tão forte que mal dava para manter os olhos abertos. A velocidade das almas de Manecão e do embaixador foram diminuindo, até pararem no portão de entrada do Céu.

Os dois, recebidos pelo encarregado, de nome João Tucuxi, que em vida havia sido importante pescador, aguardam ansiosos pela passagem mágica. Com a ficha de Manecão nas mãos, Tucuxi comunica de pronto que no Céu ele não poderia entrar.

Manecão sente primeiro uma grande desolação, depois uma raiva danada queimando cada pedacinho da alma. Como prefeito que fora, exigia uma reparação. Que não demorasse.

O encarregado, querendo logo resolver a pendenga, pois tinha ainda muito desencarnado para atender, conta apressadamente que Manecão havia cometido muitos pecados. Era preciso voltar à terra para repará-los.

Como pecados? Foram mais de sete escolas construídas, mais de cinco postos de saúde, dezenas de programas para crianças, gestantes e idosos. De certo estaria havendo uma confusão porque prefeito sério e bom ele havia sido.

O embaixador estica os olhos para cima da ficha do prefeito e confere: tudo certo, o homem não estava de enganação. Tinha feito escola e posto de saúde, então por que estava sendo barrado? Para tirar a dúvida, pede para levar Manecão até a sala de projeção, o que João Tucuxi atende de pronto.

Esta sala ficava uns dois andares abaixo do Céu propriamente dito. Grandes e pesadas cortinas vermelhas encobriam uma enorme tela de projeção, destinada a passar a história da vida dos camaradas que ao morrerem tinham dúvidas quanto ao seu comportamento na Terra. Na frente da tela, estavam dispostas várias cadeiras almofadadas em tons vermelhos, brancos e dourados.

No lado esquerdo da sala, estantes repletas de rolos de filmes catalogados de acordo com a época do desencarne, país e cidade

de origem da alma e motivo da morte. O funcionário responsável pela sala de projeção ficava sentado na entrada e para cada um que chegava entregava uma espécie de ficha numerada, assim ninguém passava na frente dos que já aguardavam o serviço.

Manecão foi ficando nervoso. Quando chamam pelo seu número, vê aliviado que só uns dois ainda permaneciam na sala. Ótimo. Não queria dividir com ninguém o espetáculo e durante as primeiras horas emocionou-se, vendo-se ainda pequeno, a mãe sempre ao seu lado, as brincadeiras com os irmãos. Como era linda a sua primeira namorada. Não é que o cinegrafista do Céu acabou registrando o dia em que passou a mão nas pernas da amada? Tempos depois lá estava ele, jovem, sendo diplomado como o vereador mais votado. O pior é que no filme também apareciam todas as promessas de campanha não cumpridas e as compras de voto com dinheiro, cesta básica, emprego que nunca existiu e muito mais coisas que nem é bom que se comente.

Anos mais tarde, Manecão lá está como prefeito. Pena que o filme era em preto e branco, se colorido fosse, com certeza até os anjos do Céu sentiriam inveja da decoração do gabinete do prefeito. Poltronas forradas em cetim azul piscina, adornadas com bordado inglês preto e dourado. Os quadros nas paredes causavam certo impacto porque retratavam a exuberância amazônica com seus tons verdes claro, escuro, médio, amarelado e outros tantos, dependendo da imaginação do pintor.

O desconforto do prefeito começa mesmo quando na tela são projetados os dois últimos anos do seu mandato. O cinegrafista, que de amor nada tinha, havia registrado cada instante do seu dia. Todas as reuniões, todas as ausências diante da comunidade, as viagens desnecessárias feitas apenas para guardar as gordas diárias na conta bancária, tudo estava ali. A cada nova cena, Manecão encolhia-se na cadeira. Que a coisa toda parasse agora. Será que haviam tido tempo de filmar o dia em que despediu a secretária só porque a moça não topou algumas horas de brincadeiras na piscina da sua fazenda?

As perseguições políticas estavam mais ou menos na metade do rolo. Tinha o caso da merendeira, do vigia do prédio da Prefeitura, do professor que não concordava com autoritarismos e até do contador que havia se recusado a alterar números na prestação de conta para o Tribunal.

Quando se inicia o segundo rolo de filme, Manecão, muito preocupado, se aquilo continuasse adeus às férias prolongadas no Céu. Como havia sido burro, se as maiores decisões e transações tivessem sido feitas no banheiro, com certeza nenhuma alma teria filmado. Banheiro é coisa de respeito e privacidade.

O embaixador arrepia-se de horror quando apaeece Manecão recebendo vinte por cento do total do pagamento feito para a empreiteira que construiu a ponte de concreto. Mostraram também o dia da inauguração com festa de balões, discursos e distribuição de camisetas e bonés com o seu nome. Será que também sabiam que o dinheiro gasto com as camisetas era o mesmo destinado para a compra dos livros escolares?

Cada vez se sentia mais longe do Céu. Não queria perder a boquinha, se necessário fosse, subornaria o porteiro. Além do mais, para onde ir? Não conhecia nada desta parte do universo e para o fogo do inferno, isto é que não, que queimassem por lá políticos mais inescrupulosos que ele. Afinal, mesmo roubando um pouquinho, tinha feito muita coisa.

Uma de cada vez as transações vão sendo passadas a limpo, o superfaturamento, a compra de vereadores para que o defendessem quando acusado de desvio de verba pública e outros que tais. Ao final da macabra exibição, Manecão ainda acompanhado pelo embaixador, sai da sala com o coração em frangalhos. Chora desolado, o pobre. Sofre.

De desmando em desmando, de abuso em abuso, havia edificado seu calvário. Ficaria, pela eternidade, vagando feito alma penada.

De volta à portaria do Céu, João Tucuxi, o porteiro, informa que o anjo gerente deseja falar com Manecão que quer lhe fazer uma proposta. Quem sabe nem tudo estaria perdido, pensa o gaiato.

Pegam carona no rabo de uma pequena estrela e sobem muito pelo infinito, até a sala da gerência principal e ali mesmo recebe uma segunda oportunidade: ou reencarna para expiar a safadeza, a prepotência e a vaidade, que somadas, constituem-se na mãe de todos os crimes, ou recebe na hora o passaporte para o inferno. Pior ainda: ficaria no mesmo caldeirão onde já estavam: Sadan, Lalau, Fernandinho, Elias Maluco e outros.

Manecão não pensa duas vezes, quer mesmo é reencarnar, pelo menos a Terra e a natureza humana ele já conhece. Imediatamente despede-se do gerente e de lá mesmo ruma para casa, acompanhado do embaixador. Desta feita, descem pelo azul do arco-íris.

Passam pela Terra, pelo seu país e pousam exatamente na cidade do reencarne. Andam os dois pelas ruas, até encontrar uma casa pintada de amarela, tendo, na parede da frente, amplas e bonitas janelas, adornadas de mimosos vasos de bromélia. Entram.

Várias pessoas encontram-se na sala. No quarto principal uma mulher de mais ou menos vinte e cinco anos está deitada na cama. Seu rosto expele gotas de suor cansado e sofrido. A respiração está difícil e o médico pede força porque a criança precisa nascer.

Neste momento, um clarão vai tomando forma, é Raimundo, o anjo de guarda de Manecão que entra em cena. Apresenta-se. Vai auxiliar na complicada operação.

Aos poucos o prefeito, de alma, vai virando energia e dessa embriaguês mágica e majestosa renasce em forma de criança, para contentamento da mãe e de toda a família e amigos que na sala esperavam pelo nobre acontecimento. O governador, em pessoa, faz um brinde: que o menino cresça com saúde e se transforme num político corajoso, pois o Brasil precisava de homens assim.

Manecão, nesta segunda vida, chamado Ronaldo Leite, é conhecido em todo o país. Já foi capa de revista, produto farto para

matéria de grandes jornais e assunto de televisão. Não há quem não saiba que Leite é o político que mais se candidatou em toda a história do país sem nunca ter ganho para nada. Quatro vezes para prefeito, duas para deputado federal, uma para estadual e duas para vereador. Aos quase sessenta anos, muito doente e viciado em cannabis sativa é candidato à Presidência da República e diz que agora a vitória é dele.

Lá em cima, além das estrelas, um anjo da guarda velho e alquebrado se demite de sua função de orientador e guardião, com a certeza de ter falhado em sua missão de regenerar um homem vaidoso e prepotente, que até no último momento acreditou ser um deus incompreendido pelas massas populares. Lá em baixo, no caldeirão, Sadan cutuca Fernandinho e diz: - Chega prá lá, meu velho, dá espaço que logo mais tá chegando um colega. Desta vez é prá vale!

Sua alma prata e inquieta afastou-se do franzino corpo. De mãos dadas com Hawkkwi, seu filho, atravessou os limites da vida conhecida e rumou para Dohã. A verdadeira morada comandada por Hãtupa.

We dji nyo

Maria Munduruku, de cócoras na cozinha da sua casa terminava de entalhar minúsculos jacarés e tracajás em caroços de frutas de palmeiras. Os pequenos animais dali a pouco passariam a compor o colar que estava fazendo para a filha. Presente que a menina usaria logo mais a noite na festa.

Era dia da festa da caça, onde os índios matavam para comer a maior anta encontrada. A carne do animal fazia-os sentirem - se mais fortes. Do inhame, do milho e da cana, faziam as bebidas. Enquanto a carne cozinhava num grande caldeirão sobre imensa fogueira, os participantes dançavam e cantavam. Quando a comida ficava pronta, era dividida igualmente entre todos.

Sentia-se bem, porque não dizer, feliz. Dançaria e cantaria muito. Através da música, poderia encontrar-se com o espírito do filho há muito morto no enfrentamento com uma sucuri. Precisava de seus conselhos e do seu amor.

Sentia necessidade de ver novamente seus olhos profundos e negros a descortinar a vida dos vivos, ajudando a abrir os caminhos para a felicidade terrena. O filho fortalecia-lhe a alma. Encorajava seus passos.

Quando o céu passou a receber a coloração noturna, os cantos foram acontecendo devagarinho, entrando sem pedir licença pela noite mal chegada.

Os índios, cantando e dançando equilibravam a vida e conforme a tradição, evitavam o fim do mundo. O som da batida dos pés no chão imitavam a recriação do universo.

Maria cantava. Maria dançava. Unia as mãos em profundo fervor, pedindo que os deuses da mata aliviassem as aflições de todo o seu povo, que mandassem a miséria para bem longe, que apressassem a demarcação das terras e transformassem o sentimento de infelicidade no de orgulho e bravura dos outros tempos.

Era mulher pequena, não passando de metro e meio. Muito magra, sorriso franco, mãos ágeis para o trabalho e muitas estórias guardadas na grande memória, compunham sua personagem. Tanto na aldeia como na cidade era conhecida pelo trabalho feito em cerâmica, tirando do barro fantásticas figuras de animais ou então perpetuando os traços do desenho munduruku em vasos, pratos, panelas e outros tantos objetos de uso diário.

Seus dias eram passados na cidade entre o trabalho de homem branco, os afazeres da casa e a modelagem do barro. Na aldeia, ia mesmo só nas grandes ocasiões de festa, casamento, nascimento ou morte. Não importava se havia sol, ou se tinha por companhia a chuva. Andava desbravadamente os quase trinta quilômetros que separavam a cidade da aldeia, pelo prazer de se sentir livre do peso da cultura cotidianamente imposta pelo imperialismo moderno, travestido de globalização.

Durante as horas que junto de sua gente ficava, transformava-se verdadeiramente numa descendente tupi, figura efetiva do contingente de índios munduruku que habitavam a região do velho e caudaloso rio Tapajós.

De segunda a sexta- feira a índia era chamada de dona Maria pelos estudantes do colégio onde trabalhava como servente. Após o sinal da doze e trinta, passava o apagador no quadro negro a desmanchar os vestígios das equações matemáticas, das explicações sobre o projeto genoma ou então das discussões sobre urbanização brasileira.

Varria o chão, espanava as carteiras e ouvia os gritos estudantis de: " dona Maria ! dona Maria!, me venda um sorvete!" ou "eu quero um salgado", dito na hora da merenda.

Maria era uma mistura de força, braveza e doçura. Sentimentos mesclados, porém preciosamente separados para as diversas ocasiões do dia ou da semana. Esta mágica alquimia fazia dela uma personagem de interesse e incontido afeto para todos que a conheciam.

Não ficou para sempre na Terra. Certo dia, a música mais uma vez promoveu seu encontro com o filho. Olhou com amor para aquele pequeno homem e pela primeira vez sentiu o seu abraço atravessando-lhe o corpo. No princípio teve medo, mas o olhar seguro do índio deu-lhe coragem.

Sua alma prata e inquieta afastou-se do franzino corpo. De mãos dadas com Hawkkwi, atravessou os limites da vida conhecida e rumou para Dohã. A verdadeira morada comandada por Hãtupa.

Maria não vai mais na aldeia. Dona Maria não está na escola. No coração dos que a amam, ela continua a ensinar palavras em munduruku para os mais curiosos, a receitar chás de cascas de árvores e a fazer unguentos de banha de cobra para uns tantos males do corpo.

É possível ouvir o seu riso sempre que a campainha anuncia a hora da merenda. Para aqueles que não têm medo de ver, lá está ela, no alto da escada, com o pano de limpeza sobre o ombro, a velar pela tranquilidade de mais um dia de aprendizado escolar. Como estrela prateada.

No fundo do seu coração, Zé Verdureiro tinha um desejo. De tão secreto, nem à mulher contava, sonhava em um dia ser José. Ser respeitado por toda a cidade. Ter casa bonita, mulher de cabelo pintado e unha comprida e filhos em colégio pago. Eram coisas que teimavam em não sair de sua cabeça.

Os sonhos da estátua de cimento

Zé Verdureiro tinha banca de verduras e legumes na feira perto do cais. Era o primeiro a tirar a grossa lona que durante a noite cobria o estrado e antes mesmo do completo raiar do sol apressava-se em repor os tomates, as cenouras, as batatas e os pimentões. Vendia pimenta doce e pimenta vermelha. Macaxeira e espiga de milho.

Zé gostava do que fazia. Deliciava-se com as brincadeiras que fazia com as freguesas, fato este que em muito contribuía para ser profissional de sucesso. Não havia quem não gostasse do seu jeito de velho camarada, assim acabava vendendo muito mais do que qualquer outro feirante.

No fundo do seu coração, Zé Verdureiro tinha um desejo. De tão secreto, nem à mulher contava, sonhava em um dia ser José. Ser respeitado por toda a cidade. Ter casa bonita, mulher de cabelo pintado e unha comprida e filhos em colégio pago. Eram coisas que teimavam em não sair de sua cabeça.

Muitas vezes acordava no meio da noite, inquieto pelo peso dos seus pensamentos. Virava de um lado e do outro na cama, até que a mulher acordava esbravejando contra a interrupção do sagrado descanso. Zé não fazia conta da bronca, queria mesmo é pensar em uma maneira de fazer prevalecer o sonho.

Certa manhã, quando o sol já estava bem alto, a temperatura por volta dos trinta e dois graus, aparece na banca do verdureiro o Raimundo Caranguejo. Homem já de idade avançada, sempre com a barba por fazer e algum dinheiro no banco, conseguido às custas do seu trabalho como vendedor de caranguejos.

Zé, amigo de longa data do velho Raimundo, recebe-o com prazer, embora estranhando sua cara de suspense. Entre um e outro abraço, uma prosa aqui outra acolá, Raimundo confessa ao amigo que algumas associações de pequenos produtores e cooperativas estavam querendo lançar um candidato único que as representasse

na Câmara de Vereadores da cidade. Estava mais do que na hora de terem alguém na política que brigasse por eles, e era quase uma unanimidade a escolha de Zé Verdureiro como candidato das categorias.

De início, Zé sentiu-se constrangido. Depois, assustado com a possibilidade e por fim feliz por ter sido lembrado. Falaria com a mulher e daria a resposta definitiva no final da semana.

A noite, em casa, conta toda a conversa para a mulher e os filhos. Enquanto falava, percebia que talvez a candidatura fosse a saída para a concretização de seu sonho em ser alguém mais importante, aliás, se ganhasse as eleições. Continuaría na feira na maioria do tempo, pois na Câmara, só teria mesmo que ir umas duas vezes por semana. Uma reunião ou outra com o pessoal das cooperativas, até que não seria mal.

Numa manhã de domingo, em meio a festa e forte sentimento de esperança, Zé, em grande assembléia popular, é aplaudido e referendado como o candidato das cooperativas e das associações de pequenos produtores. Discursos, abraços, votos de compromisso com a classe, inauguram o primeiro momento político da vida de José Ambrósio Soares, o Zé Verdureiro.

Durante meses, a vida do feirante ficou de pernas para cima. Eram muitos os compromissos: filiação partidária, visitas domiciliares, discursos relâmpagos na orla do rio, nas colônias de agricultores, em porta de armazéns e nas associações de bairro.

Seu nome corria de boca em boca. Era a força do povo. No dia da votação não havia quem não apostasse em sua vitória. Após o encerramento da apuração, José Ambrósio figurava entre os mais votados.

Nas ruas, as crianças, os trabalhadores, as donas de casa, gritavam seu nome em franca comemoração; lavavam a alma ferida de tanta humilhação, promessas não cumpridas, descaso político e roubalheira, até então, orquestradas pela camarilha da Câmara. Zé Verdureiro era o voto da decência, da honra dos desprotegidos. O voto contra a fome e o desemprego.

No início do ano, lá estava Zé Verdureiro, sentado em sua cadeira de parlamentar, colarinho meio frouxo no pescoço, atento a toda conversação. Devagarinho foi aprendendo a legislar, com o auxílio dos companheiros de luta. Após os primeiros dois anos, coisas importantes foram feitas a favor dos produtores. Leis municipais foram sendo votadas à custa de muita briga e pressão popular. Zé liderava todas as lidas, sempre muito respeitado pela gente do lugar.

Talvez seu maior trunfo fosse o trabalho na feira, porque era ali que as pessoas chegavam para pedir, denunciar ou exigir. Ao contrário da maioria dos vereadores, Zé mantinha estreita ligação com a população, conhecendo muito de perto suas principais feridas.

Embora muito respeitado, continuava sendo o Zé Verdureiro. Por mais que se esforçasse em se apresentar como José Ambrósio Soares, não havia quem assim o chamasse. Os filhos continuavam na escola estadual e a mulher, muito cedo, na cozinha, preparava café e tapiquinha para o desjejum da família. Suas unhas, curtas, abrigavam pequeninas manchas da sujeira dos tablados onde eram depositados legumes e verduras.

Carros bonitos e esposas cheirosas esperavam a maioria dos vereadores do lado de fora da Câmara. Zé reparava muito neste fato, não entendia como é que eles conseguiam trocar de carro com tamanha facilidade se o salário era igual para todos.

O prefeito do lugar, em certa ocasião o chama para uma conversa ao pé do ouvido. Estando os dois em lugar discreto e secreto, o prefeito foi logo se abrindo. Queria que o verdureiro aprovasse, pelo voto, a construção de um campo de futebol que aos cofres públicos custaria muito mais do que o município podia pagar. Que importância teria isso? O povo gosta de futebol, nem prestaria atenção ao custo de tal obra. Só faltava mesmo o voto dele.

Zé Verdureiro passa mal de tanta indignação. O campo de futebol não valia tanto dinheiro assim, quem é que iria ficar com o troco? Calmamente o prefeito desfila aos olhos do legislador as vantagens que teria em tal situação. Quem sabe uma casa nova,

num bairro mais apropriado à família de um ilustre vereador? Sua mulher, com certeza, gostaria de morar melhor, perto de gente de bem, casa com três quartos, uma boa varanda, cozinha espaçosa e até, quem sabe, uma piscina? Que não respondesse agora, pensasse com calma e até conversasse com a mulher.

Durante dias, a conversa entre os dois não saiu da cabeça do verdureiro. Andava preocupado com a intromissão do prefeito em sua consciência. Certa noite, na calma imaculada do lar, resolve contar sobre a oferta. A esposa se alvoroça discretamente diante da possibilidade de mudar de casa.

Depois dessa noite, não faltou oportunidade para que a mulher pressionasse o marido para aceitar a oferta da casa própria. Dizia-lhe da segurança que os filhos teriam se morassem num bairro melhor, mais iluminado, com ronda policial; do espaço para abrigar algum membro da família ou mesmo um amigo que estivesse passando por dificuldades; do merecido conforto após anos e anos de luta e desconforto. Que pensasse nos filhos e nela própria antes de tomar uma decisão.

Em dias de chuva, que eram muitos, a filha mais nova chegava da escola com os pés molhados e cobertos de lama. As meias estavam sempre encardidas. Maneco, o mais velho, dormia na sala, pois os quartos não eram suficientes para abrigar toda a família.

Zé de início acreditou que com o salário de vereador poderia até construir mais cômodos, mas acabou desistindo da ideia porque grande parte do que ganhava acabava indo para o caixa de algumas associações e cooperativas que iam de mal para pior. Além disso, havia sempre um compadre ou outro em maiores dificuldades. Tinha ainda a prestação da bicicleta do filho, os remédios da sogra, a prestação do relógio que dera de presente para a mulher e assim o sonho da construção era sempre adiado.

Sua mulher insistia em dizer que a casa era um benefício para quem muito fazia pela população. Onde já se viu um vereador

morando nas condições precárias em que moravam? O povo não respeitava político pobre, não bastava ele vender verdura na feira?

O homem vencido pelos argumentos da companheira acaba por procurar o prefeito e diz que vota pela construção do campo de futebol. Mas que houvesse empenho por parte do alcaide em não abrir a boca sobre o acordo, do contrário o que diriam dele?

De voto em voto o prefeito foi ganhando terreno. Meses depois, o dia da inauguração do campo de futebol e lá estava Zé Verdureiro posando de José Ambrósio no palanque das autoridades.

Aproveitando o barulho dos fogos de artifício, José Ambrósio cobra com certa timidez a casa prometida. O prefeito, com tapinhas em suas costas, pede-lhe um pouco mais de paciência, aliás, a data não era favorável para este tipo de assunto, o momento era festivo, de alegria. Envergonhado Zé se desculpa pelo abuso, quase maldizendo o momento em que havia concordado com a safadeza.

Após os primeiros seis meses da existência de tão importante obra, Zé, enchendo-se de coragem vai até o gabinete do prefeito para mais uma vez perguntar pela casa. De novo o homem pede-lhe paciência e muito a contragosto, é obrigado a contar o ocorrido para a sua mulher que já não cabia em si de tanta raiva.

Passado um ano, o desgostoso verdureiro ao encontrar o prefeito na inauguração de uma ponte, enchendo-se de uma coragem até então para ele desconhecida, ameaça: ou dá a casa ou não votaria na aprovação de uma suplementação de verba para creches, a galinha dos ovos de ouro da primeira dama. Foi ai que o prefeito marcou hora e dia para a entrega do benefício. Ele, pessoalmente, iria levar a encomenda. Melhor que fosse de madrugada para não levantar suspeita.

Zé Verdureiro e a mulher esperavam ansiosos pelo dia marcado. Será que o prefeito traria a escritura da casa? Se assim fosse, por que um encontro na calada da madrugada?

Foi assim que pelas três horas da manhã, naquele 7 de Setembro, quando toda a cidade estava com os sentidos voltados à festa da Independência, aparece o prefeito e em seguida um

caminhão. Desnorteados, vão contando, um a um os sacos de cimento que homens apressados retiram da carroceria.

Cadê a casa? Onde está a escritura? O cimento é para a construção da casa, comenta o prefeito. Uma moradia de concreto é a sensação do momento, garante.

A pequena sala, o quarto, a cozinha e até o banheiro, ficaram entupidos de sacos de cimento. A mulher chora de raiva do prefeito e do marido por ser tão estúpido. Zé, sentado sobre os sacos, acredita ser o cimento, o símbolo do castigo por ser ganancioso.

O dia amanhece e Zé continua chorando no mesmo lugar. Sua mulher, ainda não refeita do desgosto, vai para feira. No silêncio da casa, o vereador chora por ter sido enganado, pela desonra arrumada, pelo sentimento de ganância retido em seu coração. Lamenta ter sido fraco.

Suas lágrimas, agora grossas e impetuosas, vão caindo sobre os sacos, perfurando-os até encontrarem a farinha cinzenta. São muitas, as lágrimas. Aos poucos, se misturando com o cimento, formam uma massa que poderosamente cobre, uma a uma, as várias partes do corpo de velho legislador.

Lá pelas tantas, quando a infeliz esposa volta para casa, encontra não o Zé Verdureiro de sempre, mas um homem duro, tal como uma estátua, com as mãos erguidas para o céu, como num pedido de clemência.

Manda chamar o prefeito. É o culpado de tudo. Mas o alcaide, astuto que era, compra-lhe a estátua por bom dinheiro, acalmando assim a fúria da mulher.

Até hoje quem passa por Porto Manso, não deixa de visitar a estátua que chora em todo 7 de Setembro. Neste dia a viúva, discretamente, recebe a visita de prefeito que sempre lhe traz um envelope. São os honorários, madame, anuncia ele em tom de brincadeira.

Na parte inferior da estátua colocaram uma plaquinha de bronze onde se lê: Zé Verdureiro, nascido José Ambrósio Soares.

*Nonato, violeiro conhecido, cantador
do suave remanso do rio, das lendas,
da poesia da lara e do muiiraquitã,
parte da história da cidade, ao menos
havia aberto a porta da casa, quanto
mais, saído para a rua a mostrar,
como sempre, sua arte violeira lá no
cais.*

A vingança do cidadão

A cidade amanheceu quieta. Deserta, se não fosse pela presença desnorteada dos cabos eleitorais a procura de eleitores. Em outros tempos, àquela hora da manhã, as filas já estariam formadas nas portas dos locais de votação.

Por ser um pequeno município na região amazônica, praticamente todos se conheciam, bem como as preferências eleitorais. O português do mercadinho havia passado metade do ano prometendo abaixar o preço do feijão se o seu candidato ganhasse.

Portas e janelas das casas bem fechadas. Nenhuma criança soltando pipa ou no pira-pega. As costumeiras conversas nos botecos, como por encanto, não acontecem. Lá no meio do rio o lamento do tucuxí, enfasiado pela calmaria do lugar.

A suja e maltratada praça, por ser a única da cidade, abriga em todas as manhãs mães e crianças, velhos pais aposentados, para um inocente encontro com o sol. Todos os dias, menos naquele.

Os pássaros desfrutando, agora, como senhores absolutos, cada pedaço de árvore, não precisam se esconder entre as folhas para fugir das temidas pontarias dos estilingues da molecada.

Nonato, violeiro conhecido, cantador do suave remanso do rio, das lendas, da poesia da lara e do muiraquitã, parte da história da cidade, ao menos havia aberto a porta da casa, quanto mais, saído para a rua a mostrar, como sempre, sua arte violeira lá no cais.

Os candidatos, lá pelo meio da manhã, tomando ciência do acontecido, estarecidos, partem pelas ruas do lugarejo em verdadeiras cruzadas, batendo e socando as portas, chamando aos berros pelos eleitores.

No avançado da tarde, enfurecidos, fazem as contas dos prejuízos. Nem o padre, nem o juiz davam conta do tamanho infortúnio, também surpresos tentam a todo custo encontrar as razões para o mistério.

A paisagem, inédita e solitária, feita de camisetas vermelhas, amarelas e azuis, estas de propaganda política, agora desbotadas pelo suor do desastre, o maior de todos os tempos, de toda a região.

Rostos desacreditados, entalados em corpos jogados nas beiras das calçadas esburacadas, competem o espaço com a sujeira acumulada dos anos e dos desmandos, não conseguem acreditar na contramão da história que se forma. Medo. Medo do que ainda está por vir.

Situação e oposição querem saber agora o que fazer. Candidatos sentados em montes de santinhos, tentam a todo custo deliberar uma proposta de ataque ao eleitor, que fosse de consenso, mas nem nesta desconcertante hora, conseguem descer dos pedestais particulares, ficando desta forma mais complicada a situação.

Desajeitados repórteres de rádio e televisão, mal formulam perguntas aos candidatos sobre o sumiço de tanta gente. Teriam, na calada da noite, sofrido um ataque de forças ocultas? Seria a Cobra-Grande? O encanto do Uirapuru?

Como que orquestrados por uma vontade maior, faltando exatamente quinze minutos para o encerramento oficial das eleições, portas e portões são escancarados pelos moradores. Todos, equilibrando cestas básicas e sacos de cimento nas cabeças, amparando nos braços tijolos e telhas, sacolas femininas transportando sapatos, mãos repletas de receitas médicas, remédios, vales de compras, requisição de gasolina e cabeças cheias de promessas de emprego e uma vida melhor, um a um saem de suas casas encaminhando-se para a prefeitura. Ninguém fala nada, nenhuma justificativa, nenhum riso. Nada.

Os candidatos de início tentam puxar um e outro eleitor pelo braço, mas o esforço é em vão. A população, acompanhada de seus filhos, como a lhes dar um exemplo vivo de cidadania, faz uma imensa fogueira no estacionamento da prefeitura, queimando ali todas as promessas, todas as juras secretas, as mentiras, a dignidade ferida.

Da fogueira sobe uma fumaça escura, decadente e entristecida. Subindo sem pressa, ela abre caminho entre as nuvens feitas da melhor matéria prima de coragem. Mais acima, sem medo de despencar do céu, a fumaça vai se tornando branca, alegrando o coração dos homens. Dos justos, que sabem que é chegada a hora da virada.

Lá embaixo a comédia vai se desfazendo. As crianças voltam a soltar pipas nas ruas, que voam muito alto, entrelaçando as estrelas que prometem brilhar muito mais. Agora, a vida tem dono.

De resto, que o Tribunal Eleitoral se preocupe.

Fugidamente lembravam de Pedro, até então escondido nas páginas dos livros de História. Aquele soldado metade português, metade brasileiro, que majestosamente, um dia, havia empunhado a espada da esperança. Marcha soldado, cabeça de papel.

Marcha soldado, cabeça de papel

Marcha soldado, cabeça de papel! Assim, a garotada de antigamente, na sua gostosa irresponsabilidade da meninice, brincava o 7 de Setembro, o Dia da Independência, logo após terem assistido ao desfile das corporações e das escolas.

Nesta ocasião não faltava a apresentação de senhores de cabeça branca que num dia histórico da pátria haviam por ela lutado, e no 7 de Setembro, exibiam, orgulhosos, suas medalhas de combatentes. Aos mortos, flores.

Brincava montada em cavalos imaginários feitos de cabo de vassoura. Como complemento, na cabeça, o tradicional chapeuzinho de jornal velho confeccionado pelo pai, pelo avô, pelo vizinho, detalhe sem importância.

Alguns, levando mais à sério a brincadeira militar, empunhavam espadas fabricadas de qualquer material descartável encontrado no quintal. Brincavam e comemoravam a Independência. Fugidamente lembravam de Pedro, até então escondido nas páginas dos livros de História. Aquele soldado metade português, metade brasileiro, que majestosamente, um dia, havia empunhado a espada da esperança. Marcha soldado, cabeça de papel!

O 7 de Setembro agora é outro, mesmo que toda gente continue indo para a rua assistir a parada militar. Tem banda tocando música popular, garota de uniforme escolar lavado e passado especialmente para a festa, primeiras damas de cabelos escovados e em sentinela nos palanques oficiais.

Carros ornamentados, vendedor de sorvete e tacacá e os meninos de antigamente, ao invés de estarem nos seus inocentes cavaleiros de cabo de vassoura, estão nas ruas soltando pipas em verde e amarelo. O papel saiu da cabeça e se transformou em pipas coloridas rumo aos céus de um Brasil nortista, povoado de uma brava gente brasileira, que faz de cada pipa um desejo de real liberdade.

A independência agora tem que ser a do trabalho certo todos os dias, da comida quente na mesa, a educação do filho assegurada além da Constituição, a saúde certinha para toda a gente. Pedro também é outro, de repente, não amava tanto o Brasil.

Marcha soldado, cabeça de valente. Empina, apara, soqueia, costura e trança a sua pipa. Leva-a ao alto como prova de que a liberdade não é tardia.

Ninguém jamais verá uma urubu na fila do banco esperando pela bolsa família ou qualquer outro benefício governamental. Ser urubu é estar acima destas quinquilharias. Nunca estarão vendendo bombons e outras guloseimas nos sinaleiros, correndo o risco de atropelamento e morte, bem antes de se completar os doze anos.

Onde urubu é rei

Todo visitante se espanta com a quantidade de urubus que habitam a cidade. De imediato percebem que o urubu amazonense não é igual ao de nenhum outro lugar. Ele é mais astuto, mais corajoso, com um porte físico mais atlético. Ocupa as ruas, os becos, as calçadas, os fios de eletricidade, os muros das casas alheias, com inevitável ar destemido de quem realmente é o senhor do lugar.

As estatísticas comprovam que o número de urubus já é superior à quantidade de pessoas alfabetizadas ou então que terminaram o ensino fundamental.

Pela manhã, no raiar do dia, eles sobrevoam a cidade com os olhos bem abertos, à procura de animais que morreram durante a noite. Quem sabe, com algum esforço, acabam encontrando o cadáver de algum cidadão esquecido no matagal, não importando a razão da sua morte, que pode ser de parada cardíaca ou então furado a facção pelo contraventor.

Do alto, beirando as nuvens, iniciam a procura do desjejum. Logo que avistam um apetitoso manjar, descem com fúria incontida, posando, sem erro, em cima da carniça. Disputam cada víscera, cada naco de carne, para depois, satisfeitos, desfilarem pelas ruas e calçadas, não se incomodando com a presença de pessoas, carros e crianças que iniciam as brincadeiras matinais.

São muitos os urubus. Olham para os moradores com desmedida irritação, por estarem esses senhores atrapalhando sua convivência com a cidade. Voam para cima da garotada, que teima em brincar de bola ou pira – pega .

Na hora do almoço preferem revirar o lixo das casas amontoados nas ruas na espera de que o serviço público cumpra a sua parte. Disputam com os cachorros sem dono restos de peixe ou galinha, a pequena cobra morta a pauladas no quintal de alguma periferia.

Os mais audazes passam horas e horas se equilibrando na fiação da rede elétrica, mesmo naquelas conhecidas como de alta tensão. Na verdade, o que fazem, é um teste de coragem, pois muitas vezes um ou outro acaba virando torresmo, contribuindo assim para a falta de luz durante vários minutos.

O urubu é soberano. Seu andar cadenciado, de pescoço erguido. Sabe que o seu reinado ainda o será por muito tempo, porque não existe caboclo macho que resolva de vez o problema da coleta do lixo e da falta de saneamento. Sabe que as prioridades são outras: fartas diárias destinadas às viagens desnecessárias, compra de produtos para a merenda escolar super faturados e até mesmo construção de postos de saúde que na verdade nunca saíram do papel.

O único personagem a desafiar o urubu é o rato. Dia desses, um urubu robusto e majestoso, quando sobrevoava o centro da cidade, viu um abusado rato se servindo do lixo urbano. Furioso, tal qual uma águia faminta, deu uma rasante sobre o animal de pelo acinzentado, segurando-o com suas garras, para depois arremessá-lo das alturas. Nem bem o rato espatifou-se no chão, o algoz o almoçou com muito prazer. Que servisse de lição aos demais comparsas, nada de desafios abusados.

Outra coisa que esta ave muito gosta de fazer é voar em círculos e semicírculos quando percebe algo agonizante lá em baixo nas ruas, misturado com a poeira. Ficam muito tempo armados de imensa paciência na espera do bote final. É o momento de se exibirem para suas fêmeas, mostrando o tamanho das asas, os volteios no ar feitos com súbita maestria, ou então, simplesmente passeiam pelo vento ocupando o tempo da espera.

Ser urubu nesta região é ter garantida, todos os dias, as três refeições. Nunca dormir de barriga vazia, sentir pena dos filhos que choram de fome, ou então não precisar pensar na comida do dia seguinte.

Ninguém jamais verá uma urubu na fila do banco esperando pela bolsa família ou qualquer outro benefício governamental. Ser

urubu é estar acima destas quinquilharias. Nunca estarão vendendo bombons e outras guloseimas nos sinaleiros, correndo o risco de atropelamento e morte, bem antes de se completar os doze anos.

Desemprego então é coisa da qual nunca ouviram falar. Trabalho, para o urubu, tem todo dia: revirar os lixões, distribuir a carniça entre os filhotes, vigiar a cidade e a zona rural, não permitir que pedestres usem muito as calçadas, além de tomarem fartos banhos de chuva.

A densidade populacional do urubu é tão grande, que um dia destes foi votado um requerimento na Câmara Municipal, mudando o nome da cidade para Urubulandya's City

A vida de urubu é tão boa que já tem muita gente batendo os braços fingindo que são asas, quem sabe um dia conseguirão voar. Outra grande vantagem é não precisar pagar imposto de renda e muito menos o IPTU.

Ser urubu aqui nestas paragens é dormir de cabeça feita, sem medo dos sonhos maus, aqueles povoados por impertinentes cobradores, pelo corte da energia elétrica que não foi paga por falta de dinheiro, ou então pelo grande pesadelo de ver os filhos irem para a cama de barriga vazia.

É voar acima dos problemas do homem comum. Chegar perto das nuvens, respirar ar puro e descer na terra com jeito de rei.

Preocupada, queria mesmo é saber quantos quilômetros de distância havia entre sua cidade e o lugar da guerra. Este tal de Iraque ficava mesmo lá pelas bandas onde Jesus havia nascido?

Efigênia, que de guerra nada sabia

A guerra havia começado. Na tela da tevê um amontoado de fogos de artifício muito mais brilhantes do que os usados nas festas de São João e Santo Antônio.

Não havia fogueiras, pelo menos por enquanto, assim pensava dona Efigênia, com os olhos grudados no espetáculo tecnológico.

Bush, trush, Saddam, vartan, eram mais ou menos estes os sons que seus castigados ouvidos conseguiam perceber. O que eles querem? – perguntava a si mesma. O que pensam que estão fazendo, estes homens de nomes engraçados?

Dona Efigênia também não conseguia entender como que o presidente de um país podia jogar bomba em outro só por vontade própria. Preocupada, imaginava a quantidade de mortos espalhados pelo sagrado chão da pátria. Mulheres desesperadas pela morte dos filhos, desfilavam em sua mente, já um pouco atrapalhada pelo avançado dos anos.

Lavadeira de profissão, mal sabendo escrever o nome, passava os dias entre idas e vindas de trouxas de roupa sobre a cabeça.

Da vida, conhecia o rio do lugar, seus peixes, as frutas apanhadas no quintal da casa, os filhos e netos, a farinha de puba, é lá na memória, quase escondida, a recordação de certo lugarejo cearense, onde um dia havia nascido.

De guerra e de luta nada sabia. Nunca soube da Cabanagem, de Palmares, muito menos do golpe de sessenta e oito ou dos caras – pintadas. Sua lida era outra, a de contar tostões para comprar o feijão, de enfrentar o lamaçal da rua nos fartos dias de chuva para entregar à freguesa a roupa passada.

Seu mundo, distante do espetáculo televisivo, decididamente não entendia a razão da guerra. Para ela, era bem mais fácil que

cada povo resolvesse entre si mesmo as suas pendengas, mesmo se fossem coisas de política.

Dona Efigênia tinha medo de política. Na época das eleições tinham dito para ela que se o Lula ganhasse iria trocar a bandeira do Brasil por uma bandeira toda vermelha. Teve raiva do homem. Onde iriam parar o seu verde – amarelo? Mas a vida era assim mesmo, um dia o caso da bandeira, noutro a guerra.

Preocupada, queria mesmo é saber quantos quilômetros de distância havia entre sua cidade e o lugar da guerra. Este tal de Iraque ficava mesmo lá pelas bandas onde Jesus havia nascido?

Durante inúmeras noites, quase vencida pelo cansaço, dona Efigênia sentava-se em frente da televisão para ver morte e destruição. Agitava-se muito com a confusão de tanques, mísseis, o barulho das bombas e o palavreado dos jornalistas especializados em guerra.

Assistiu, a cores, palácios serem destroçados, a soberania do Iraque ir pelos ares, e mais uma vez o americano matar pretensiosamente em nome do mundo, da democracia e da liberdade.

Algumas vezes acordava assustada durante a noite. Qualquer barulho fora da casa, por menor que fosse, tinha a mesma intensidade das bombas do xerife americano. Sentava-se na cama, pedindo a Deus que nunca deixasse que a guerra chegasse no seu Brasil.

Rezava fervorosamente para que Bush nunca se interessasse pela Amazônia, do contrário, ele simplesmente mandaria invadir o país sob o pretexto de que os brasileiros não sabiam tomar conta da mata.

Não entendia nada de guerra, mas sentia, como se fosse sua, a dor do povo massacrado, ofendido duplamente em sua cidadania, primeiro pelo ditador, depois pelo estrangeiro. Seu coração sangrava pelas crianças sem pátria, sem pai, sem esperança.

Continuou a lavar roupas, a cuidar dos netos, a assar o peixe na lenha do quintal, enfim, a tocar a vida como sempre havia feito.

Os dias foram passando e uma coisa, aos poucos, foi mudando, lá no fundinho da alma, primeiro como um pensamento ainda confuso. Depois, corajoso, sabedor que daquela América gloriosa não tinha medo, não.

Se um dia acordasse com o estrondo de um míssil lançado por um helicóptero de ataque Apache Longbow, saberia que seus botos tucuxí, seu açai e o mágico som carimbó, jamais desapareceriam do seu pedaço de terra,

Tal qual o povo lá do Iraque, seria valente para reconstruir a nação. O opressor pode quase tudo, mas não consegue mudar a alma do oprimido. Este tem sua cultura, sua religiosidade, sua tradição que lhe sustenta, senão, a própria vida. Que o faz ser único diante de tanta etnia, diante de tamanha diversidade.

A bolsa do poeta é preta. Os personagens, apertados dentro dela, debatem-se na procura do zíper. Sair, conhecer a realidade, apalpar a terra de verdade, enfim, respirar um outro ar além do já conhecido, misturado ao cheiro de tinta gráfica e papel.

A bolsa do poeta Nazareno

Há quem diga que antes de se ver o homem vê-se a bolsa. Grande, com a alça já puída pelo tempo de batalha, repleta de livros. Poesia. Pura poesia. O seu peso já não assusta o poeta, há tempos é sua fiel companheira.

Saído do ventre materno, busca, nesta vida, seu lugar ao sol na quente cidade paraense de codinome munduruku. Não há quem não o conheça. Sonhador, esperançoso, deixa, com constância, sua alma se embaralhar com o imaginário popular da gente da cidade.

Cada escrito fala da vida de cada um: do ambicioso pregador de promessas, das mocinhas de pés descalços na areia da praia, dos decotes onde abusados e fartos seios brincam de esconde-esconde.

Há também os loucos, muitos poemas falam dos loucos portadores das enfermidades sociais, estas bem apropriadas às cidades com pouco menos de cem mil habitantes. Um dos escritos para eles dedicado, termina assim: "... o profeta prega o juízo final. A sereia nua dorme em frente a Matriz. No fim da tarde quando a romaria passa, insensata vagando na paisagem da minha cidade".

A bolsa do poeta é preta. Os personagens, apertados dentro dela, debatem-se na procura do zíper. Sair, conhecer a realidade, apalpar a terra de verdade, enfim, respirar um outro ar além do já conhecido, misturado ao cheiro de tinta gráfica e papel.

Todos os dias o poeta sai á procura de um leitor. Oferece. Ali em cada texto está, para serem desnudados, a "Nau da ilusões" ou "Ilusão nortista", este poema, absolutamente mastigado por dentes cansados de roer rapadura.

As consoantes e vogais se misturam na bonita composição de uma "cidade que está com pressa, o botão da indiferença foi detonado. Desce o elevador, sobe o doutor e o trombadinha foi metralhado...".

A caneta para um autógrafo não antes anunciado, na bolsa espera, bem no fundinho dela. É Bic legítima, azul, que oferece dedicatórias para os mais chegados.

De porta em porta, de sonho em esperança, o poeta todo o dia redescobre sua cidade e a oferece para quem a quiser conhecer. Reconhecer, amar e se fartar do tudo que tem.

É só abrir a bolsa e os livros, quase que confusamente armazenados, saltam para as mãos do cidadão. São cento e tantas páginas de fragmentos, personagens de emoções divididas, assim, como qualquer um.

A polícia do lugar chegou a comentar que o serviço feito ao doutor tinha sido trabalho de primeira. Nenhuma testemunha, nenhuma pista. Um único dado da perícia: o homem havia sido morto pela investida de várias pessoas ao mesmo tempo.

O homem da casa cor - de - rosa

Seis horas da manhã era o horário ideal para que domesticadas e pacatas donas de casa, munidas de suas coloridas sacolas de palha, iniciassem o ritual da compra do peixe no mercado da cidade. Toda Quinta –feira era assim: formavam organizada fila de compras e mexericos, valendo, inclusive, comadre guardar lugar para comadre.

Na tímida cidade, que ainda nada tinha a oferecer aos seus habitantes, a não ser uma mal cuidada praça, um velho coreto que guardava em sua estrutura de madeira os sons da banda municipal há muito desfeita e a missa do domingo, a fila do peixe era esperada durante a semana com muita ansiedade.

O pescado chegava cedo nas pequenas embarcações que rio a fora, recolhiam o que de melhor a natureza oferecia. Os pescadores descarregavam direto no mercado, nas mãos dos atravessadores, que garantiam o monopólio da comercialização.

Na fila tudo acontecia, de tudo se falava para matar o tempo e espalhar as novidades fresquinhas para o resto da semana. Era ali que se inventavam receitas de pescado, que discutiam a precoce gravidez da filha da diretora da escola, o assassinato ocorrido na fazenda do João do Ouro e desencadeavam pesquisas relâmpago sobre a atuação dos vereadores municipais. Assim, as distintas senhoras faziam a vez do rádio e do jornal que na cidade não existiam.

A maior de todas as novidades, sem dúvida, nos últimos dias, era o aparecimento de certo doutor que diziam ter vindo analisar o minério do lugar, a mando de uma grande empresa.

Havia alugado a casa mais cara da cidade, grande e majestosa, com espaçosas varandas laterais, que assim como o restante da casa, eram pintadas de rosa.

Novidade ainda maior, quando o doutor passou a freqüentar o mercado e a escolher, ele mesmo, os peixes da semana, e olha que ele tinha cozinheira em casa.

Assim como as donas de casa, o geólogo passava um bom tempo na fila do peixe, para contentamento do mulherio. Além de motivo de curiosidade, era o que normalmente se denomina de pedaço de mau caminho.

Cumprimentava a todas, e lá ia para o final da fila. A primeira, depois de muito ensaiar, a puxar conversa com o doutor havia sido Rosa Madureira, mulher experiente, com uma série de partos bem sucedidos em seu currículo e portadora de um timbre de voz grave e decidido.

Pouco a pouco as mulheres da fila do peixe passaram a ter vez e voz junto ao doutor. Homem bonito, solteiro, na casa dos trinta anos, educado, enfim, um ótimo candidato a genro.

As Quintas-feiras nunca mais foram as mesmas. Primeiro timidamente, as senhoras passaram a levar suas filhas ao mercado, depois mais audaciosas, a lhes enfeitar com novos vestidos e sapatos, cabelos sedosos e bem escovados Um enfeitezinho aqui outro acolá e uma grande e festiva passarela de moda acabou por tomar conta do lugar.

O geólogo, divertido com o espetáculo semanal, sempre de sorriso no rosto, acatava com serenidade aquela agitação semanal. Há muito percebera a intenção casamenteira e por não querer entrar no jogo, resolvera fazer o seu próprio.

Assim, numa quinta-feira qualquer de setembro, quando a natureza presenteava a cidade com iluminados e quentes raios solares, as castanheiras disputavam com as acácias os verdes mais intensos e os botos apresentavam, sem nenhuma timidez seus balés aquáticos, o doutor chega ao mercado trajando meias brancas e sandálias de couro, além de uma indiscreta bolsa de palha adornada com espalhafatosas flores pintadas em vermelho e azul.

Curiosamente tal fato não suscitou maiores manifestações. Como em qualquer quinta-feira, as mulheres fizeram caras e bocas à

sua passagem. Elogios camuflados, pequenos comentários indefesos, sorrisos e muitos olhares nas mais diversas proporções acompanharam o doutor naquela manhã.

Na semana seguinte o jogo do geólogo teve prosseguimento, além da espalhafatosa bolsa de palha pintada, trazia na cabeça um razoável chapéu igualmente de palha, porém tingido de escarlate, deixando à mostra, na lateral, pequenas aplicações marinhas em tecido lustroso.

Embora nenhum comentário fosse feito à sua passagem pelo mercado, nenhum olhar mais indiscreto fosse trocado pelas já desesperançosas senhoras, a cada acessório trazido pelo doutor, uma moça a menos comparecia com a mãe na fila do peixe.

Dias e semanas, nenhuma angelical mocinha no mercado, e a fila finalmente voltou à sua tradicional formação: senhoras mexeriqueiras com coloridas sacolas, disputando palmo a palmo os melhores lugares no velho e maltratado Mercado Municipal de Conceição do Livramento.

O doutor, que de assíduo freqüentador se transformara em fumaça, há certo tempo desaparecido do lugar, sequer foi comentado nas velhas rodinhas das novidades. Tudo havia voltado, aparentemente, à sua amorfa realidade.

A empresa do geólogo, preocupada com o seu silêncio, chega em Livramento para maiores esclarecimentos. Quer que a cidade dê conta do sumiço do homem, fala com o prefeito, com o vigário, ninguém sabe de nada.

A polícia, munida de pés de cabra e outros equipamentos de primeira grandeza, arromba portas e janelas da imponente casa cor-de-rosa. Quem sabe o geólogo ali não estaria?

Na sala principal, esparramado no chão, o inerte e mal cheiroso corpo do homem morto a facadas. Os pés e as mãos estavam amarados por imundas cordas e na boca, quase disforme, o contorno forte e raivoso de um vermelho batom.

Na Quinta-feira ninguém disse nada sobre a morte do doutor. As senhoras, alheias ao fato, do alto de suas dignidades bem

comportadas, discutiram sobre a festa da padroeira, passaram à diante a nova receita de ensopado de tracajá, saindo, depois das compras, uma à uma rumo aos seus protegidos lares.

A polícia do lugar chegou a comentar que o serviço feito ao doutor tinha sido trabalho de primeira. Nenhuma testemunha, nenhuma pista. Um único dado da perícia: o homem havia sido morto pela investida de várias pessoas ao mesmo tempo.

Assim, a brisa noturna da primavera, no inesquecível setembro, transformou-se na única testemunha de um pacto de silêncio.

Alguns anos depois, numa cidade às margens do Tapajós, onde as estórias só eram de boto que virava homem bonito em dia de luar, ou cobra - grande que morava em baixo da terra, apareceu um homem contador de estórias de terror, que em noites de lua cheia corria pra floresta com o corpo coberto de pelos e de sua boca escorria uma baba pegajosa, que por onde quer que pingasse matava a vegetação.

Tia Dejinha e seu discípulo

Tia Dejinha sempre foi fascinada por estórias de terror. Não qualquer uma, mas aquelas que ela mesma criava, com personagens que apareciam no meio da noite entre raios e trovões. Mulheres de longos cabelos, sedutoras, que com um simples olhar embriagavam quem as olhasse, no entanto, todas moravam, de fato e de direito, nos cemitérios que compunham os vários cenários por ela imaginados.

Ora mulheres, ora homens diabólicos, bichos e entidades de encruzilhada, eram muitas as personalidades do além, e por serem tantas e tão diferentes de tudo que já se ouvira falar nesta vida, com o passar do tempo foi aumentando o número de pessoas que se sentavam ao seu redor, na praça d cidade, para ouvir um bom conto de terror.

De tão especial que eram estes encontros, o faz de conta foi se transformando em evento consagrado, aos poucos, tomando o lugar das sessões de cinema, ninguém mais queria saber de outra diversão no cair da noite. Logo após o jantar, lá estavam as pessoas da cidade esperando por mais uma estória da tia Dejinha.

Certo dia aparece um tal contabilista de cidade grande que desconfiado com o empreendimento da contadora de estórias, resolve investigar de perto o tamanho sucesso. Será que ela pagava impostos?

Em uma das noites, após o público ter se retirado arrepiado e ofegante por tudo que havia escutado e imaginado, o contabilista fica por ali, a espera de alguma resposta. Era preciso investigar tudo o que fosse possível, com aquele montão de gente que todas as noites aparecia, com certeza a tiazinha estava é ficando enricada.

O que o abestado não sabia, era que Dejinha nada cobrava, suas estórias eram ditas para quem as quisesse saborear. Momentos de prazer, de brincar com o medo dos moradores do lugar.

Passam-se algumas horas, e na calada da madrugada vê que tia Dejinha caminha para a mata, distante poucos minutos do centro da velha cidade. Espantado vê que a contadora de estórias de terror espalha várias folhas de papel branco, estes usados nas impressoras do computador, pelo chão da

floresta. Debruça-se sobre eles e freneticamente vai rabiscando, escrevendo, desenhando, como se estivesse num ritual literário. Canetas, lápis, tubos de tinta das mais diversas cores vão sendo usadas.

De repente tia Dejinha se ergue do chão totalmente envolta nas cores que antes usara, e vai diminuindo de tamanho até ficar na espessura das folhas de papel. Um clarão acontece, um estrondo se faz ouvir e Dejinha penetra no mundo de suas estórias.

O encabulado contabilista chega mais perto e reconhece no papel o desenho de uma estrada de chão batido, mais na frente árvores gigantes desfolhadas e assustadoras, numa pedra no cantinho esquerdo do papel, tia Dejinha lá está sentada, de prosa com uma figura tenebrosa.

Enchendo-se de coragem, olha bem de perto para o papel. Sente-se mal e enjoado, a figura tenebrosa causa-lhe arrepios. Seus pelos são enormes, o corpo disforme, a cabeça pequena perdendo-se naquele corpanzil todo. A baba que escorre da boca chega a ensopar a folha de papel.

O contabilista se belisca, quer ter a certeza de que está tendo um sonho muito ruim. Seu mundo tão certinho, onde tudo se encaixa com perfeição, dois e dois são quatro, como poderia estar presenciando tamanho desatino?

Sai da floresta desconjurado, sem ainda entender o acontecido. O melhor mesmo é seguir para o hotel, uma boa noite de sono talvez fosse o remédio e a resposta para todos os males.

No dia seguinte, após o jantar, mais uma vez a população se reúne na praça para se entreter com mais uma estória comandada por tia Dejinha. Crianças, senhores de cabelos brancos, jovens senhoras, estão todos lá, ansiosos pela chegada da mestra das estórias de terror. Tem gente na cidade que melhorou de vida por causa destas sessões, como é o caso do vendedor de tacacá que até montou uma banquinha bem na frente da praça. Dizem que a venda que ele faz a noite já deu até pra comprar um terreno perto do rio.

O contabilista também comparece. Tem certeza de que a mulher naquela noite não vai aparecer, ela estava dentro do papel, ou ele é que estaria ficando maluco? Vai chegando ressabiado, olha pelo lugar à procura de uma resposta que o satisfaça, mas ela lá está, rodeada de gente que mal respira para que o silêncio seja completo e assim melhor absorver cada pedacinho da estória.

A voz de tia Dejinha aparece primeiramente muito pausada, descrevendo um lugar repleto de árvores gigantescas e maltratadas, secas e assustadoras, que há muito haviam perdido as folhas e a vontade de viver. O lugar era habitado por um terrível monstro de corpo disforme, uma cabeça pequena mas portadora de muitas maldades. Da boca do monstro escorria uma baba venenosa que entranhava na pele de todas as pessoas que no lugar do coração tinham uma pedra, de tão ruim que eram.

Neste momento o contabilista sai cambaleando do salão. Não entende como aquilo estava acontecendo, precisava de respostas claras, em alguma coisa que pudesse confiar. Passa no hotel, pede ao porteiro algumas folhas de papel em branco, canetas e lápis e vai para a mata, no mesmo lugar onde estivera na noite anterior.

Alguns anos depois, numa cidade às margens do Tapajós, onde as estórias só eram de boto que virava homem bonito em dia de luar, ou cobra - grande que morava por debaixo da terra, apareceu um homem contador de estórias de terror, que em noites de lua cheia corria pra floresta com o corpo coberto de pelos e de sua boca escorria uma baba pegajosa, que por onde quer que pingasse matava a vegetação.

Deve ser por isso que anda faltando tanto verde na floresta Amazônica.

As rugas nos cantos dos olhos, na boca, nas mãos, são pequenas marcas de vida e em cada uma delas lá estão guardados os anos de trabalho, os contos lidos e relidos, os amores contidos e outros, consagrados. Cada prega da pele conta, por si só, alguma coisa que ainda é viva, resistindo ao tempo e as coisas mundanas.

Sobre os dias

Todos os dias da semana parecem ser o último. Na mesma cadeira estofada de flores vivas, reclinada, de frente para o verde água aprisionado de um lado pelas inserções rochosas, de outro pela imensidão de areia fina, Clara espera que seja esse o último dia. Sabe que ele está chegando, porque a casa, de repente, ficou povoada de entes queridos que há muito não via. Eles se alternam como numa vigília, confundindo-se com a transparência das cortinas que, ao sabor do vento, espalham-se pelos móveis próximos da grande janela.

Ruídos, deliciosos e familiares ruídos expressam falas, risos, choros infantis, uma xícara se espatifando no chão, que vão somando-se às perguntas feitas pelos filhos, sobre sua saúde. Há uma certeza sobre o distanciamento espiritual de Clara. Ela quase não quer falar, quer sim reter na memória os rostos familiares, o calor das mãos dos filhos, o beijo dos netos, deliciar-se com a contemplação dos anos construídos, agora expressos em cada pessoa, em cada olhar de amor.

As rugas nos cantos dos olhos, na boca, nas mãos, são pequenas marcas de vida e em cada uma delas lá estão guardados os anos de trabalho, os contos lidos e relidos, os amores contidos e outros, consagrados. Cada prega da pele conta, por si só, alguma coisa que ainda é viva, resistindo ao tempo e tudo que é mundano.

Clara sente que as pessoas ao seu redor estão preocupadas com suas olheiras, com o suposto ar cansado, com o olhar melancólico. Na verdade nada disso está acontecendo, as olheiras são pelas noites em claro saboreando cada pedacinho da casa, do jardim, da praia, das ondas que teimosamente voltam em todo momento, agarrando-se aos grãos de areia para realmente se sentirem parte do lugar. O olhar melancólico, então, decididamente não existe, o que acham ser melancolia, é docilidade, é afeto espalhado pelas fotografias vistas e revistas durante a semana. Um vai e vem de imagens, deliciosamente colocadas em páginas escurecidas que compõem os álbuns de família.

Um após outro, os dias vão desaparecendo, engolidos pelas noites que, para Clara, são momentos mágicos. Quando todos adormecem, ela encontra-se com sua mais que perfeita lucidez para recordar tudo o que deseja sem censuras ou conversas alheias. É também a hora de escutar as músicas mais desejadas, reencontrar-se no “Innuendo” do Queen, ou então nos versos de “nada do que foi será, do jeito que já foi um dia” daquele Lulu, poeta do imaginário, que em algum instante diz que “a vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito”.

As noites também favorecem o aparecimento dos seus fantasmas queridos. Eles não a assustam, pelo contrário, são até divertidos, escondendo seus óculos ou então tirando as sandálias de debaixo da cama. Os mais chegados atrevem-se a falar com ela, são falas em forma de sussurros, tal qual as dos mais renomados desencarnados, protagonistas dos filmes espiritualistas ou de suspense.

Clara percebe que seus órgãos vitais estão inteiros, não são eles que aos poucos a abandonam. O que escorrega sem pressa, é uma outra vitalidade que mora na alma, que verdadeiramente comanda o sentido da vida. Esta sim, vai-se tornando fraca e desassossegada, querendo voltar à origem. Não deseja reter a marcha, pelo contrário, quer que tudo aconteça da maneira mais perfeita, mais feliz e iluminada que qualquer mortal possa desejar.

A vida sempre foi-lhe generosa, repleta de significações, tudo foi vivido com felicidade, com certeza esta mesma felicidade haverá de continuar num outro espaço, quem poderá afirmar que não?

Clara, Clarinha, Clarita, fez da vida um percurso de sol. Uma aventura majestosa que agora vai se renovar para além daquela casa, das suas pessoas, dos velhos e conhecidos ruídos matinais. Sente-se embalada por uma outra força, ergue-se de encontro a uma dimensão diferente, que expõe recortes do passado que aos pouquinhos cria vida própria, trazendo de volta o beijo apaixonado de um homem especial, um abraço apertado do amigo confiante, o silêncio do sono dos filhos, os discos e livros cujas estórias arrastam a vida para fora dos limites habituais.

Uma Clara de quem a historia da vida não vai esquecer, vai-se debruçando sobre o seu próprio corpo, como uma gasta tatuagem que valsa, sempre, desatinada de tanto amor.

A reprodução em qualquer forma deste livro, ou parte dele, é autorizada e, inclusive, incentivada, exceto para uso comercial.

Jussara Whitaker

Versão para eBook
eBooksBrasil.org

Julho de 2013